

OS PAPAS E GALILEU. I: JOÃO PAULO II E O GALILEU HERMENEUTA BÍBLICO.

Paulo S. Terra - *Universidade Estadual de Santa Cruz*

Resumo: Segundo o papa João Paulo II, a separação entre razão e fé causa danos irreparáveis tanto à religião quanto à cultura. Para o papa, o caso Galileu Galilei traz sempre à memória a sempre presente tensão existente entre razão e fé. O papa João Paulo II tratou do caso Galileu em dois importantes discursos: no discurso de 10 de novembro de 1979, o pontífice expressou o desejo de que teólogos, historiadores e estudiosos de Galileu estudassem o caso Galileu mais profundamente com o objetivo de desfazer os equívocos que impedem um acordo frutífero entre ciência e fé; no discurso de 31 de outubro de 1992, o papa expressou o reconhecimento dos erros cometidos pelo tribunal que julgou Galileu e apontou o texto da carta que ele escreveu à Senhora Cristina de Lorena como um modelo para a hermenêutica bíblica. No presente artigo analisam-se os discursos e mensagens do papa João Paulo II que tratam de Galileu.

Palavras-chave: Igreja Católica, papa João Paulo II, caso Galileu, hermenêutica bíblica, fé e razão.

Abstract: According to the Pope John Paul II the split between reason and faith causes irreparable damages not only to religion but also to culture. For the Pope the Galileo Galilei affair remind us of the ever-present tension between reason and faith. In two important speeches Pope John Paul II considered the Galileo case: on 10 November 1979, he expressed the wish that theologians, historians and scholars will study more deeply the Galileo case in order to dispel the mistrust that still opposes a fruitful concord between science and faith; and on 31 October 1992, he expressed the recognition of the errors committed by the tribunal that judged Galileo and recommended the Galileo's letter to Christina de Lorene as a model in biblical hermeneutics. This paper aims to present an analysis of the Pope John Paul II's speeches and messages on Galileo.

Keywords: Catholic Church, Pope John Paul II, Galileo affair, biblical hermeneutics, faith and reason.

INTRODUÇÃO.

Ouve-se habitualmente a propósito de um acontecimento de grande importância e interesse para a cultura contemporânea a narrativa seguinte: Há algum tempo, existiu um cientista famoso, cujo nome era Galileu Galilei, que foi julgado pela Inquisição e obrigado a retratar-se de seus ensinamentos. Esse acontecimento provocou grande confusão e o caso despertou indignação e longo debate que não cessou mesmo após a opinião pública declarar a vitória de Galileu e a Igreja se tornar tolerante em relação à ciência. Vez por outra,

retoma-se a polêmica. Fê-lo, por exemplo, para surpresa geral, o papa João Paulo II, em 1992, que, após exatamente 350 anos da morte de Galileu, desculpou-se pelos erros cometidos pelos cardeais inquisidores e reconheceu que o cientista pisano estava certo.

Tal narrativa extremamente simplificada está ainda arraigada na cultura geral e é difícil imaginar quando será substituída por outra que mais adequadamente corresponda aos complexos e multivariados acontecimentos do século XVII e a tudo o que decorreu deles. Dentre os que têm buscado tratar do assunto na profundidade em que ele merece, destaca-se indiscutivelmente o papa João Paulo II¹, que ao longo de seu pontificado encontrou ocasião para tecer considerações sobre o caso. O tratamento dado pelo papa ao assunto marca época e propicia um momento diferente e grandemente significativo no estudo de um acontecimento tão importante como é o chamado “caso Galileu”. Os pronunciamentos do papa João Paulo II trouxeram contribuições novas a um assunto antigo que, não obstante já tenha quase quatro séculos, não apenas repercute nos dias atuais como tem pelo seu cerne grande interesse e importância.

No presente estudo, encontram-se transcritos todos os textos do papa João Paulo II referentes a Galileu Galilei. Há dois grandes discursos galileanos, ambos profundamente marcantes, o primeiro pronunciado em 1979, no início do pontificado, em que se propõe que novamente se estude o conflito entre Galileu e os teólogos, e o segundo, proferido treze anos depois, em que se comentam as investigações desenvolvidas por uma comissão de especialistas instituída no Vaticano para contribuir com o reestudo sugerido. Esses grandes discursos tratam das relações entre ciência e fé a partir da análise do confronto entre Galileu e os teólogos do seu tempo e visam a apontar formas de evitar que divergências semelhantes continuem a ocorrer. Foi preocupação clara do papa João Paulo II buscar a harmonia entre a pesquisa científica e a fé, o que se externou não apenas nos discursos que mostraram o interesse do pontífice no caso Galileu, como também ficou evidenciado pela redação de uma carta encíclica que tratou especificamente das relações entre fé e razão – *Fides et ratio* – publicada em 1998.

¹ O papa João Paulo II foi o primeiro pontífice a mencionar Galileu Galilei e a discutir as ideias do filósofo e cientista e as polêmicas em que ele se envolveu, que tiveram como datas marcantes o ano de 1616 e o de 1633. O atual papa, Bento XVI, também se referiu a Galileu algumas vezes e seus pronunciamentos serão objeto do segundo estudo da série “Os papas e Galileu”, que se inicia com o presente estudo sobre João Paulo II. A referida série incluirá também um número sobre o papa Urbano VIII, em cujo pontificado se deu a condenação de Galileu.

Segue-se a exposição dos textos do papa João Paulo II referentes a Galileu Galilei, dispostos em ordem cronológica². No corpo principal do estudo, fazem-se, geralmente a cada parágrafo do texto papal, pequenos comentários que buscam dar ênfase às ideias que parecem ao autor as mais interessantes; deslocam-se para as notas de rodapé, dentre outros assuntos, os comentários críticos e algumas informações complementares. Tendo em vista as visões grandemente divergentes, provocadas principalmente pelo discurso de 1992, buscou-se selecionar na extensa literatura galileana autores com posições divergentes cujos conhecimentos sejam indiscutíveis tanto no que respeita à obra e à vida de Galileu quanto no que se refere à Igreja. Dois livros contêm ideias adequadas para o propósito da análise contrastante, quais sejam: *Galileo y el Vaticano*, de Mariano Artigas e Melchor Sánchez de Toca³ e *Galileu – pelo copernicanismo e pela Igreja*, de Annibale Fantoli⁴, pelo que serão mencionados inúmeras vezes.

AS PRIMEIRAS IDEIAS DE JOÃO PAULO II SOBRE GALILEU: O DISCURSO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1979 NA PONTIFÍCIA ACADEMIA DE CIÊNCIAS.

Por ocasião da comemoração do centenário natalício de Albert Einstein na Pontifícia Academia de Ciências, o papa João Paulo II reuniu-se com os acadêmicos, em 10 de novembro de 1979. Após a manifestação do presidente da Academia, o pontífice proferiu um longo discurso⁵, em que, inesperadamente, depois de referir-se ao homenageado, tratou do caso Galileu:

“6. Senhor Presidente. Disse Vossa Excelência com muita razão no seu discurso que Galileu e Einstein caracterizaram uma época. A grandeza de Galileu é de todos conhecida, como a de Einstein; mas diferentemente deste; que nós honramos hoje diante do Colégio Cardinalício no palácio

² Localizaram-se os textos por meio do mecanismo de busca disponível na página eletrônica da Santa Sé na rede mundial de computadores (http://www.vatican.va/phome_po.htm). As palavras usadas foram “Galileu” e “Galileo”.

³ ARTIGAS, M.; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Galileo y el Vaticano – Historia de la Comisión Pontificia de Estudio del Caso Galileo (1981 – 1992)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

⁴ FANTOLI, A. *Galileu – pelo copernicanismo e pela Igreja*. [Galileo – for Copernicanism and for the Church; 3rd ed.; 2003] Tradução: Dom Sergio Braschi. São Paulo: Loyola. 2008.

⁵ JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II à Pontifícia Academia das Ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*. 10 de novembro de 1979. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein_po.html.

apostólico⁶, o primeiro muito teve que sofrer — não poderíamos escondê-lo — da parte de homens e organismos da Igreja⁷. O Concílio Vaticano reconheceu e deplorou certas intervenções indevidas: «Seja-nos permitido lamentar — está escrito no número 36 da constituição conciliar *Gaudium et Spes*⁸ — certas atitudes que existiram até entre os próprios cristãos, por não terem entendido suficientemente a legítima autonomia da ciência. Fontes de tensões e de conflitos, elas levaram muitos espíritos a pensar que ciência e fé se opõem».

⁶ Artigas e Sánchez de Toca chamam a atenção para alguns aspectos que cercavam o discurso do papa João Paulo II: proferiu-se o discurso em francês, língua associada à diplomacia, e de fato, estavam presentes na reunião não apenas os membros da Pontifícia Academia das Ciências, mas também todo o corpo diplomático acreditado no Vaticano, além de cinquenta cardeais. O local escolhido para a manifestação pontifícia foi a Sala Régia. Toda essa situação indica que o papa desejava dar a maior difusão possível a suas considerações sobre Galileu e sobre as relações entre a ciência e a fé. ARTIGAS, M; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, p. 48.

⁷ Note-se que aqui o papa João Paulo II fala em “organismos da Igreja”. No discurso de 1992, o papa atribuirá os sofrimentos e a condenação de Galileu aos “teólogos” e, no mesmo dia, antes da fala do papa, o Cardeal Poupard fará referência ao tratar do mesmo assunto aos “juízes de Galileu”. Fantoli aponta essa mudança de posição e critica o papa João Paulo II por não reconhecer a responsabilidade eclesial nos acontecimentos e por colocá-la apenas sobre os ombros de indivíduos. Voltar-se-á a tratar disso no momento apropriado, quando se analisar o discurso papal de 31 de outubro de 1992. Cf. FANTOLI. A. *Op.cit.*, p. 415, n. 48.

⁸ Já havia o papa João Paulo II se referido à constituição *Gaudium et Spes* no parágrafo anterior do discurso, onde se fala autonomia das ciências, tema preparatório para suas considerações sobre Galileu. Eis na íntegra o dito parágrafo: “5. A Igreja reconhece de boa vontade, por outro lado, ter-se beneficiado da ciência. É a esta, entre outras, que é preciso atribuir o que o Concílio disse a propósito de certos aspectos da cultura moderna: «As condições novas afetam igualmente a própria vida religiosa ... O desenvolvimento do espírito crítico purifica-a duma concepção mágica do mundo e de reminiscências supersticiosas, e exige uma adesão cada vez mais pessoal e ativa à fé, o que faz que sejam numerosos aqueles que atingem um sentido mais vivo de Deus» (*Gaudium et Spes*, 7). / A colaboração entre religião e ciência moderna resulta em vantagem para uma e para outra, sem violar de nenhum modo as suas autonomias respectivas. Do mesmo modo que a religião exige a liberdade religiosa, a ciência reivindica legitimamente a liberdade da investigação. O Concílio Ecumênico Vaticano II, depois de reafirmar, com o Concílio Vaticano I, a justa liberdade das artes e das disciplinas humanas no campo dos seus princípios, reconhece solenemente «a autonomia legítima da cultura e em particular a das ciências (*Ibid.* 59)». Ao realizar-se esta comemoração solene de Einstein, desejaria confirmar de novo as declarações do Concílio sobre a autonomia da ciência no seu trabalho de investigação sobre a verdade inscrita na criação pelo dedo de Deus. Cheia de admiração pelo gênio do grande sábio em que se revela a marca do Espírito criador, a Igreja, sem intervir de qualquer modo, por um juízo que não lhe pertence formular, sobre a doutrina relativa aos grandes sistemas do universo, propõe-na todavia à reflexão de teólogos para descobrir a harmonia que existe entre a verdade científica e a verdade revelada.”

A referência a Galileu está expressa claramente na nota relativa a este texto, que cita o volume *Vita e opere di Galileo Galilei* de Mons. Pio Paschini⁹, editado pela Pontifícia Academia das Ciências.”

Pela primeira vez um papa fazia referência a Galileu Galilei e, como se vê, João Paulo II elege como ponto de partida e de articulação das suas considerações a ideia de que membros da Igreja causaram sofrimento a Galileu. Isso, diz o papa, já havia sido reconhecido em 1965 pelos padres conciliares como importante erro, cujo fundamento está na não compreensão da independência da ciência, o que levou ao falso princípio de que há oposição obrigatória entre ciência e fé, ideias de conseqüências danosas que se sentem ainda. A breve menção feita ao caso Galileu na constituição apostólica *Gaudium et Spes*, se em princípio parecia suficiente para encerrar todo tipo de antagonismo, não teve o efeito prático esperado, fato que teria levado João Paulo II a decidir fazer algo mais, como se lê na seqüência do discurso.

“Indo além desta tomada de posição do Concílio, desejo que teólogos, sábios e historiadores, animados por espírito de sincera colaboração, aprofundem o exame do caso de Galileu e, num reconhecimento leal dos erros de qualquer lado que tenham vindo, façam desaparecer as desconfianças que este assunto opõe ainda, em muitos espíritos, a uma concórdia frutuosa entre ciência e fé, entre a Igreja e o mundo. Dou todo o meu apoio a esta tarefa, que poderá honrar a verdade da fé e da ciência, e abrir a porta a futuras colaborações.”

⁹ Trata-se de obra importante e objeto de polêmica. Fantoli narra pormenorizadamente a história do livro. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, pp. 400-407. A Pontifícia Academia das Ciências desejosa de lembrar o tricentenário da morte de Galileu (1942) encomendou ao Monsenhor Pio Paschini um estudo biográfico do cientista. O texto original, concluído em 1945, foi visto com reservas por autoridades eclesiais e considerado inadequado para publicação. Quando da aproximação do quarto centenário do nascimento de Galileu (1964), já falecido o autor, o texto foi reavaliado, teve alguns trechos reescritos e foi finalmente publicado. Fantoli (p. 407) sustenta que as alterações feitas na obra de Paschini contradizem o espírito de liberdade de pesquisa afirmado na *Gaudium et Spes*, no mesmo ponto em que nesse documento é citada a biografia de Galileu. Artigas e Sánchez de Toca também discorrem sobre o caso Paschini e ressaltam a dificuldade que o caso Galileu gerava ainda no interior da Igreja mesmo em pleno desenrolar do Concílio Vaticano II. A divergência originada pelo texto de Paschini estava na descrição da atuação dos jesuítas no caso. No texto original a oposição dos jesuítas a Galileu é realçada e no texto revisado isso é atenuado. Cf. ARTIGAS, M.; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op. cit.*, pp. 68-69.

Assim, passado pouco mais de um ano de sua eleição para o trono pontifício, que se deu em 16 de outubro de 1978, João Paulo II expressou o desejo de ver o caso Galileu ser reexaminado e declarou a firme intenção de apoiar esses estudos. Apontou ainda o modo de fazê-lo: proceder a exame interdisciplinar do assunto, de modo a apontar os erros cometidos pelas duas partes da contenda. Continua então o discurso:

“7. Seja-me permitido, Senhores, submeter à vossa atenção e reflexão alguns pontos que me parecem importantes para colocar de novo na sua verdadeira luz a questão de Galileu, em que as concordâncias entre religião e ciência são mais numerosas, e sobretudo mais importantes, que as incompreensões de que nasceu o conflito áspero e doloroso que se prolongou durante os séculos seguintes.”

Indica então João Paulo II mais uma regra metódica para a proveitosa análise contemporânea do caso Galileu: acentuar as semelhanças entre a visão da Galileu e a da Igreja. Ressalta João Paulo II que esse método foi desenvolvido e aplicado pelo próprio Galileu:

“Aquele, que é chamado a justo título fundador da física moderna, declarou explicitamente que as duas verdades, de fé e de ciência, não podem nunca contradizer-se, «procedendo igualmente do Verbo divino a Escritura santa e a natureza, a primeira como ditada pelo Espírito Santo, a segunda como executora fidelíssima das ordens de Deus», segundo ele escreveu na carta ao Padre Benedetto Castelli¹⁰, de 21 de dezembro de

¹⁰ Benedetto Castelli (1578 – 1643), monge beneditino, era discípulo de Galileu e professor de matemática. A carta mencionada pelo papa João Paulo II foi escrita por Galileu quando ele foi notificado por Castelli de um debate que se deu num almoço na casa do Grão-duque Cósimo II, em 12 de dezembro de 1613. Na ocasião, Castelli foi interpelado por um professor de filosofia, Cósimo Boscaglia, a propósito de como interpretar, dada a teoria copernicana, a passagem do livro de Josué (10, 12-14), em que se ordena ao sol que pare o seu movimento no céu. Castelli relata que as opiniões se dividiram quanto à teoria copernicana ser contrária ou não à Sagrada Escritura e que a mãe do Grão-duque, a Senhora Cristina, havia se posicionado ao lado do professor Boscaglia pela não compatibilidade, apesar de ele ter rebatido os argumentos do acadêmico. Galileu pareceu preocupar-se com o rumo que as discussões começaram a tomar e iniciou a articular a argumentação em favor da não contradição entre a astronomia copernicana e certas passagens escriturísticas. Na carta a Castelli, datada de 21 de dezembro de 1613,

1613 (*Edição nacional das obras de Galileu*, vol. V, pp. 282-285)¹¹. O Concílio Vaticano II não se exprime diferentemente; retoma mesmo expressões semelhantes quando ensina: «A investigação metódica, em todos os campos do saber, se é realizada de modo verdadeiramente científico e conforme às normas morais, não será nunca contrária à fé, porque as realidades temporais e as realidades da fé têm a sua origem no mesmo Deus» (*Gaudium et Spes*, 36).”

Demonstra dessa forma João Paulo II que o princípio estabelecido por Galileu, de que há duas verdades, a de fé e a de razão, que não se contradizem, visto que têm a mesma origem (Deus) é um importante ponto comum entre o pisanu e a Igreja. Como os padres conciliares reafirmam esse princípio, muito tempo depois, isso estabelece, segundo o método analítico preconizado pelo papa, um tópico adequado para o reestudo da polêmica.

“Galileu manifesta na sua investigação científica a presença do Criador que o estimula, que se antecipa às suas intuições e as ajuda, operando no mais profundo do seu espírito. A propósito da invenção da luneta astronômica, escreve no princípio do *Sidereus Nuncius*¹², recordando algumas das suas descobertas astronômicas: *Quae omnia ope Perspicilli a me*

desenvolvem-se as ideias mestras da argumentação. Em Fantoli encontra-se descrita minuciosamente toda a polêmica escriturística. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, cap. 3, pp. 147-221. O epistolário de Galileu está disponível em “*Lettere di Galileo Galilei*”: <http://www.liberliber.it/biblioteca/g/galilei/lettere/html/generale.htm>.

¹¹ *Edizione Nazionale delle Opere di Galileo Galilei*, obra organizada por Antonio Favaro, em 20 volumes, que reúne todos os escritos de Galileu e outros relacionados a eles, publicada originalmente entre 1890 e 1909. Acessa-se a versão digital em: *Edizione digitale delle opere complete di Galileo Galilei* - <http://pinakes.imss.fi.it:8080/pinakestext/volindex.seam?conversationId=276>. O fragmento citado pelo papa João Paulo II da carta a Benedetto Castelli está na página 282 do volume V: “*procedendo di pari dal Verbo divino la Scrittura Sacra e la natura, quella come dettatura dello Spirito Santo, e questa come osservantissima esecutrice de gli ordini di Dio*”.

¹² *A mensagem sideral* é um opúsculo publicado por Galileu em março de 1610 em que ele relata as extraordinárias descobertas astronômicas que acabara de fazer com o instrumento óptico de sua invenção, chamado de perspicilo e conhecido depois como telescópio. As fantásticas descobertas feitas por Galileu incluem as irregularidades da superfície lunar, inúmeras estrelas nunca vistas e sobretudo quatro luas que giram em torno de Júpiter. Em *A mensagem sideral*, Galileu já comenta favoravelmente a teoria copernicana sem contudo defendê-la explicitamente. O parecer das autoridades eclesiásticas que examinaram o livro foi o de que ele nada continha que pudesse ser considerado contrário à doutrina católica.

excogitati divina prius illuminante gratia, paucis abhinc diebus reperta, atque observata fuerunt’ (*Sidereus Nuncius*, Venetiis apud Thomam Baglionum, MDCX, fol. 4). ‘Tudo isto foi descoberto e observado nestes últimos dias, graças ao ‘telescópio’ que inventei, depois de ser iluminado pela graça divina’. A confissão galileana da iluminação divina no espírito do sábio encontra eco no texto já citado da Constituição conciliar da Igreja no mundo contemporâneo: «Quem, com perseverança e humildade, se esforça por penetrar nos segredos da realidade, é conduzido, embora sem o saber, como que pela mão de Deus» (*loc. cit.*). A humildade, sobre que insiste o texto conciliar, é virtude do espírito, necessária tanto para a investigação científica como para a adesão à fé. A humildade gera clima favorável ao diálogo entre o crente e o sábio, invoca a iluminação de Deus, já conhecido ou ainda desconhecido mas amado, num caso como noutro, por aquele que investiga humildemente a verdade.”

Defende o papa João Paulo II, no fechamento desse ponto do discurso, a ideia de que não se deve excluir de modo nenhum Deus dos assuntos da investigação científica. Galileu não se esqueceu de declarar que considerou ter sido beneficiado por Deus na invenção do telescópio, instrumento que o levou a descobrir objetos celestes inimagináveis. Preconizam os padres conciliares do século XX a mesma atitude humilde perante as descobertas científicas por parte dos que dão continuidade à arte investigativa iniciada por Galileu. Demonstra dessa forma, uma vez mais, João Paulo II, que há não poucos pontos em comum entre o que pensou Galileu no século XVII e o pensamento da Igreja no século XX. Lê-se em seguida:

“8. Galileu formulou normas importantes de caráter epistemológico, que se mostram indispensáveis para pôr de acordo a Escritura sagrada e a ciência. Na sua carta à Grã-duquesa mãe, da Toscana, Cristina de Lorena¹³, reafirma a verdade da Escritura: «A Sagrada Escritura não pode

¹³ Essa carta foi escrita em 1615 e desenvolve as teses constantes na carta a Benedetto Castelli. Ela foi publicada somente em 1636. Abundam nesse texto citações de Aurélio Agostinho, a maioria delas retiradas da obra *De Genesi ad litteram*. Na carta a Castelli não se encontram citações ou referências a teólogos. Fantoli (*op.cit.*) analisa minuciosamente a carta à Senhora Cristina. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, cap. 3, pp. 169-188. Diz o renomado estudioso que Galileu procurara na carta “basear-se nas melhores tradições doutrinárias da Igreja para mostrar que a teoria copernicana não deveria ser condenada apressadamente com base numa sua presumida oposição à Sagrada Escritura”. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, p. 184. Fantoli não parece crer que tenha sido muito eficiente o procedimento galileano de ir buscar

nunca mentir, sob condição todavia de que seja penetrado o seu verdadeiro sentido, que — não julgo poder negar-se — está muitas vezes oculto e é diferentíssimo daquele que parece indicar o simples significado das palavras» (*Edição nacional das obras de Galileu*, vol. V, p. 315)¹⁴. Galileu introduz o princípio duma interpretação dos livros sagrados, que vai além do sentido literal mas é conforme ao intento e ao tipo de exposição que são próprios de cada um deles. É necessário, como afirma, que «os sábios que a expõem mostrem os sentidos verdadeiros dela.»

Recorda o papa João Paulo II neste ponto do discurso um dos textos epistolares mais significativos de Galileu, dedicado explicitamente ao problema da exegese bíblica. Atacado pelos contemporâneos que consideravam que as ideias que começava a defender, pertinentes à mobilidade da terra e à fixidez do sol, eram contrárias aos ensinamentos da Escritura Sagrada. Essa crítica motivou Galileu a analisar a metodologia de interpretação da Bíblia e ele o fez nos moldes apontados por João Paulo II, que coincidem com os preconizados pela Igreja no século XX, como demonstra o papa logo em seguida:

“O magistério eclesiástico admite a pluralidade das regras de interpretação da Sagrada Escritura. Ensina expressamente, de fato, com a encíclica *Divino afflante Spiritu*¹⁵ de Pio XII, a presença de gêneros literários diferentes nos livros sagrados e portanto a necessidade de interpretações conformes ao caráter de cada um deles.”

elementos de apoio no pensamento tradicional cristão para discutir algo que se encontrava num contexto absolutamente novo resultante da aplicação dos métodos de investigação científica que acabavam de surgir. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, p. 185. De qualquer forma, prossegue o analista, a influência imediata do texto “foi nula, dado que a Carta permaneceu por muito tempo em forma manuscrita e não circulou senão entre os amigos mais confiáveis de Galileu” e “mesmo que tivesse sido conhecida no momento de sua redação, não teria feito senão aumentar a tensão [com as autoridades eclesiásticas]”. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, pp. 187 e 188.

¹⁴ O texto original completo da carta à senhora Cristina de Lorena está no volume V da *Edizione Nazionale delle Opere di Galileo Galilei*, p. 307 – 348. O fragmento transcrito no discurso papal está, como apontado, na página 315: “non poter mai la Sacra Scrittura mentire, tutta volta che si sia penetrato il suo vero sentimento; il qual non credo che si possa negare esser molte volte recondito e molto diverso da quello che suona il puro significato delle parole.”

¹⁵ Esta carta encíclica publicou-se em 30 de setembro de 1943. PIO XII. *Divino afflante Spiritu*. http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu_po.html.

Destarte, João Paulo II confere a Galileu o estatuto de teórico de exegese bíblica, cujas ideias não perderam a validade. Isso, no entanto, é, no entender de João Paulo II apenas uma forma de iniciar a discussão do caso Galileu:

“As concordâncias diversas que recordei não resolvem sozinhas todos os problemas da questão de Galileu, mas contribuem para criar um ponto de partida favorável para a solução honrosa deles, um estado de alma propício à solução honesta e real de velhas oposições. A existência desta Pontifícia Academia das Ciências¹⁶, à qual Galileu foi de alguma maneira associado por meio da instituição antiga, que precedeu aquela de que hoje fazem parte sábios eminentes, é sinal visível que mostra aos povos, sem qualquer forma de discriminação racial ou religiosa, a harmonia profunda que pode existir entre as verdades da ciência e as verdades da fé.”

Com essas palavras, encerra-se esse discurso. O papa expressou claramente a esperança de que no âmbito da Pontifícia Academia das Ciências, cuja existência em si mesma já seria prova da convivência harmoniosa entre fé e ciência, ocorresse o reexame profundo e imparcial dos acontecimentos conflituosos do século XVII.

O discurso do papa João Paulo II perante a assembleia da Pontifícia Academia das Ciências, em 10 de novembro de 1979, causou surpresa, pois o pontífice tocou inesperadamente em assunto delicado como nunca o fizeram seus antecessores e o que foi dito foi, de um modo geral, bem recebido pela comunidade científica e por todos os que se interessam pelo chamado caso Galileu. Uma importante consequência do discurso e de sua boa acolhida,

¹⁶ A Pontifícia Academia das Ciências deriva da Academia dos Linceus (*Accademia dei Lincei*), fundada em Roma, em 1603, por Federico Cesi. Extinta ainda no século XVII, foi restabelecida em 1847 pelo papa Pio IX com o nome de Pontifícia Academia dos Novos Linceus. Em 1936, a Academia foi reformada pelo papa Pio XI e adquiriu a atual denominação, *Pontifícia Academia Scientiarum*, e tem sede nos jardins vaticanos. Galileu Galilei foi admitido em 1611 na Academia dos Linceus. O lema acadêmico era *Minima cura si maxima vis* (cuida das coisas pequenas se queres obter as grandes). Lê-se a história da Pontifícia Academia das Ciências em: SÁNCHEZ SORONDO, M. *The Pontifical Academy of Sciences: A Historical Profile. The Pontifical Academy of Sciences, Extra Series*, 16. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/acdscien/400_ann/storia_en_qxd.pdf.

resultante diretamente do expresso desejo do papa de que se reconhecessem lealmente os “erros de qualquer lado que tenham vindo”, para que com isso se fizessem “desaparecer as desconfiças que este assunto [o caso Galileu] opõe ainda, em muitos espíritos”, pelo que se chegaria finalmente “a uma concórdia frutuosa entre ciência e fé, entre a Igreja e o mundo”, foi a nomeação por João Paulo II de uma comissão¹⁷ para estudar os acontecimentos do século XVII. A comissão foi instalada apenas em 1º de maio de 1981 e no encerramento de seus trabalhos, ocorrido somente treze anos depois, o papa João Paulo II viria a fazer o seu segundo grande discurso sobre Galileu. Antes de 1992, contudo, João Paulo II haveria de referir-se ainda que brevemente outras vezes, direta ou indiretamente, a Galileu Galilei.

Decorrido pouco mais de um mês da visita à Pontifícia Academia das Ciências, o papa João Paulo II visitou a Pontifícia Universidade Gregoriana. Nessa ocasião, proferiu um discurso¹⁸ destinado a animar os teólogos e a exaltar a importância do estudo das ciências eclesiais no mundo contemporâneo. Encontrou o papa momento para inserir em seu pronunciamento breve menção a Galileu e a ligar o que dizia aos teólogos ao que dissera dias antes aos cientistas. Referindo-se a uma importante instituição cultural católica dos tempos galileanos¹⁹, que se liga à história da Universidade Gregoriana, o papa afirmou:

“3. (...). A Teologia, na sua história milenária, sempre procurou ‘aliados’, que a ajudassem a penetrar todas as riquezas do plano divino, assim como este se desvela na história do homem e se reflete na magnificência do cosmos. Estes ‘aliados’ foram reconhecidos pouco a pouco nas ciências e nas disciplinas, que iam surgindo graças ao impulso do desejo duma consciência mais profunda do mistério do homem, da sua história e do seu ambiente de vida. Disto se mostram conscientes, desde os princípios, os responsáveis pelo Colégio Romano. Quem percorre as

¹⁷ Artigas e Sánchez de Toca dão ênfase à surpresa causada pela manifestação de João Paulo II, pois era a primeira vez que um papa falava do caso Galileu. Realçam também a boa acolhida que o discurso teria recebido e colocam isso como uma das causas da criação da comissão pontifícia para o estudo do caso Galileu. A comissão chamou-se oficialmente *Comissão sobre a controvérsia ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII* e era denominada comumente apenas como *Comissão galileana*. Cf. ARTIGAS, M.; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, p. 63.

¹⁸ JOÃO PAULO II. Discurso do papa João Paulo II por ocasião da visita à Pontifícia Universidade Gregoriana. 15 de dezembro de 1979. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/december/documents/hf_jp-ii_spe_19791215_universita-gregoriana_po.html.

¹⁹ Trata-se do “Colégio Romano”, escola jesuítica, fundada em Roma, em 1551, antecessora da atual Pontifícia Universidade Gregoriana.

alternativas deste Centro de estudos fica pasmado ao ver como nele foram cultivadas, ao lado da Teologia, não só a filosofia e as letras, mas também as artes, a arqueologia e o estudo dos monumentos antigos e das mais antigas culturas, as ciências físicas e matemáticas, a astronomia e a astrofísica. Sentia-se evidentemente a necessidade de manter íntimo contacto com todas aquelas investigações que, com o passar dos anos, iam modificando a visão que o homem tinha de si e do mundo que o circundava. E se devemos reconhecer que os estudiosos de cada tempo não se furtaram aos condicionamentos culturais do ambiente, podemos também verificar que não faltaram geniais antecipadores e espíritos mais livres que, como São Roberto Belarmino²⁰ no caso de Galileu Galilei, desejavam que se evitassem inúteis tensões e endurecimentos danosos, nas relações entre a fé e a ciência.²¹ As ciências da natureza, cultivadas naqueles séculos, foram-se especializando cada vez mais, e várias delas saíram do âmbito da investigação própria duma Universidade Eclesiástica. Contudo, permanece válida, ainda hoje, a exigência fundamental de ter em conta todos aqueles progressos da ciência que dizem respeito ao homem e ao seu ambiente de vida. A esta luz é para desejar — seja dito de passagem — uma relação da Universidade Eclesiástica também com as Universidades civis e os Centros de investigação promovidos pela sociedade moderna. De fato, ‘o dissídio entre a fé e a cultura forma não pequeno obstáculo para a evangelização,

²⁰ Roberto Francesco Romolo Bellarmino (1542 - 1621), santo e Doutor da Igreja. O cardeal Belarmino foi o principal interlocutor de Galileu no primeiro conflito do cientista com os teólogos ocorrido em 1616. A posição de Belarmino na polémica está exposta numa carta dirigida por ele ao padre carmelita Paolo Antonio Foscarini, também defensor da teoria da mobilidade da terra e da estabilidade do sol. Voltar-se-á a falar das ideias de Belarmino neste estudo mais adiante quando se tratar do segundo grande discurso de João Paulo II sobre Galileu.

²¹ O papa João Paulo II relembrou este ponto do discurso quando se dirigiu a um grupo de cientistas e pesquisadores que o visitou em 9 de maio de 1983 (GIOVANNI PAOLO II. *Discorso di Giovanni Paolo II ad un gruppo di scienziati e di ricercatori*. 9 maggio 1983. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1983/may/documents/hf_jp-ii_spe_19830509_scienza_it.html). No ano dessa visita, recordava-se o 350º aniversário da publicação do *“Dialoghi sui due massimi sistemi del mondo”* (“Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo”), livro de autoria de Galileu que deu motivo para o processo inquisitorial que culminou com a sua condenação em 1633. Ao referir-se à comemoração do aniversário de publicação da “grande obra de Galileu Galilei”, João Paulo II citou o discurso de 10 de novembro de 1979 na Pontifícia Academia de Ciências e releu o trecho em que expressou o desejo de que teólogos, sábios e historiadores aprofundassem em colaboração o exame do caso de Galileu com o objetivo de estabelecer concórdia entre a ciência e a fé, entre a Igreja e o mundo. O pontífice não deixou de mencionar que havia nomeado, em 1981, uma comissão de especialistas para estudar o caso Galileu e elaborar parecer.

ao passo que a cultura imbuída de espírito cristão favorece a difusão do Evangelho’ (Const. Apost. *Sapientia Christiana*, Proêmio, I).”

Como já afirmara perante os cientistas, não há por que criar tensão entre fé e ciência. Quanto aos estudos teológicos, se eles não mais se realizam, como já o fizeram nos tempos de Galileu e Roberto Belarmino, sob o mesmo teto acadêmico em que se realizam as pesquisas científicas, é de desejar que os estudos eclesiásticos contemporâneos não percam de vista o progresso do conhecimento científico hodierno, notadamente, sublinha o papa, o que se refere ao “homem e ao seu ambiente de vida”²².

Pouco mais de um ano após o discurso galileano de 1979, o papa teve o ensejo de falar uma vez mais diretamente a uma comunidade de cientistas, o que ocorreu na cidade de Colônia, em 15 de novembro de 1980, por ocasião da visita apostólica que fez à Alemanha. O discurso proferiu-se na catedral daquela cidade, na data em que se celebrava a festa litúrgica e o setigentésimo aniversário da morte de Santo Alberto Magno, bispo e Doutor da Igreja, patrono dos cientistas. Falou o papa sobretudo dos males que resultam da separação entre ciência e fé. Galileu não foi mencionado, mas João Paulo II falou das várias confrontações já ocorridas entre os cientistas e os teólogos e disse que se deve lamentar

“o peso destes famosos conflitos, nascidos da interferência de entidades religiosas no processo evolutivo do conhecimento científico. A Igreja recorda-se disto com amargura, porque hoje nos damos conta dos erros e

²² Cabe mencionar aqui pela semelhança da temática e do tratamento dado ao assunto uma carta do papa João Paulo II ao padre George Coyne, datada de 1º de junho de 1988 (JOHN PAUL II. *Letter of his holiness John Paul II to Reverend George V. Coyne, S.J., Director of The Vatican Observatory*. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1988/documents/hf_jp-ii_let_19880601_padre-coyne_en.html.) O padre Coyne, jesuíta e astrônomo, era na ocasião o astrônomo-chefe do Observatório do Vaticano [*Specola Vaticana*]; era também membro da Pontifícia Academia das Ciências e um dos coordenadores da subcomissão que tratava das questões científicas e epistemológicas na comissão galileana instituída no Vaticano. A carta era motivada pela semana de estudos coordenada pelo padre Coyne no ano anterior, em Castel Gandolfo, para celebrar o tricentésimo aniversário da publicação do livro de Isaac Newton *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*. O caso Galileu não é mencionado no texto. A certa altura do documento, ao falar da necessidade de a Igreja estabelecer contato sempre mais aprofundado com a comunidade científica, o pontífice afirma que “o desenvolvimento científico hodierno afeta a teologia muito mais do que fizera no século XIII a introdução de Aristóteles na Europa ocidental”. Diz em seguida João Paulo II que o intercâmbio entre a ciência e a teologia beneficiará a ambas, visto que “a ciência pode purificar a religião do erro e da superstição” e “a religião pode purificar a ciência da idolatria e dos falsos absolutos”.

das deficiências destes modos de proceder. Podemos hoje afirmar que eles foram superados: graças à força de persuasão da ciência, e graças sobretudo ao trabalho de uma teologia científica que, aprofundando a compreensão da fé, a libertou dos condicionamentos do tempo. O Magistério eclesiástico, desde o Concílio Vaticano I, e ultimamente de forma explícita no Vaticano II (*Gaudium et Spes*, 36), repetidamente trouxe à memória aqueles princípios, que já se podem encontrar na obra de Alberto Magno.”²³

JOÃO PAULO II CONCLUI SUA VISÃO SOBRE GALILEU: O DISCURSO DE 31 DE OUTUBRO DE 1992 NA PONTIFÍCIA ACADEMIA DE CIÊNCIAS.

A comissão pontifícia instituída pelo papa João Paulo II para reexaminar o caso Galileu trabalhou até 31 de outubro de 1992²⁴. Nessa data, a Pontifícia

²³ JOÃO PAULO II. *Discurso do papa João Paulo II no encontro com os homens de ciência e os estudantes*. Catedral de Colônia. 15 de novembro de 1980. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/november/documents/hf_jp_ii_spe_19801115_scienziati-studenti-colonia_po.html. Informam ARTIGAS E SÁNCHEZ DE TOCA (*op.cit.*, p. 92) que na primeira reunião da comissão galileana, ocorrida em 9 de outubro de 1981, o coordenador dos trabalhos, Cardeal Gabriel-Marie Garrone, apontou esse discurso papal e o de 10 de novembro de 1979 como sendo os que davam as diretrizes do estudo da controvérsia ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII que naquele momento se iniciava. O discurso de Colônia destaca-se pela precisão e contundência com que o pontífice discorre sobre as relações entre a ciência e a teologia. A propósito da menção a Alberto Magno no final do trecho citado do discurso do papa João Paulo II, cabe lembrar que na encíclica *Fides et Ratio*, no número 45, o pontífice diz que “Santo Alberto Magno e S. Tomás, embora admitindo uma ligação orgânica entre a filosofia e a teologia, foram os primeiros a reconhecer à filosofia e às ciências a autonomia de que precisavam para se debruçar eficazmente sobre os respectivos campos de investigação.”

²⁴ Passaram-se pois quase treze anos da primeira análise feita pelo papa João Paulo II das ideias de Galileu, visto que a comissão pontifícia foi instalada em 1º de maio de 1981. Deve-se lembrar que no longo espaço de tempo que separa os dois grandes discursos galileanos de João Paulo II, o pontífice fez uma referência indireta e três breves menções ao cientista e filósofo pisano: **1)** Em discurso pronunciado na Pontifícia Academia de Ciências, em 3 de outubro de 1981, na saudação dirigida aos participantes do encontro destinado a discutir “O impacto da biologia molecular na sociedade”, o papa João Paulo II fez, no número 2, breve análise da cosmologia, na qual inseriu ideia particularmente cara a Galileu, embora não o tenha mencionado: “A cosmogonia e a cosmologia suscitam atualmente grande interesse nas pessoas e nas religiões. A Bíblia fala-nos da origem do universo e de sua constituição, não para nos fornecer um tratado científico, mas para estabelecer adequadamente as relações do homem com Deus e com o universo. A Sagrada Escritura quer simplesmente declarar que o mundo foi criado por Deus e para ensinar essa verdade, ela se exprime com termos da cosmologia em uso nos tempos em que foi escrita. O livro sagrado quer fazer saber aos homens que o mundo não foi criado como um lugar

Academia de Ciências encontrava-se reunida para dar prosseguimento ao estudo do problema da complexidade na matemática, na física, na química e na biologia. Foi o momento escolhido para a comissão pontifícia²⁵ apresentar

de deuses, como ensinam outras cosmogonias e cosmologias, mas que ele foi criado para serviço do homem e para a glória de Deus. Todos os outros ensinamentos sobre a origem e a constituição do universo são estranhos às intenções da Bíblia: ela quer nos ensinar não como vai o céu, mas como se vai ao céu [“celle-ci [la Bible] ne veut pas enseigner comment a été fait le ciel, mais comment on va au ciel.” / “questa [la Bibbia] non vuole insegnare come è stato fatto il cielo, ma come va guardato il cielo”].”(JEAN-PAUL II. *Discours du Saint-Père Jean-Paul II à l'Académie Pontificale des Sciences*. 3 octobre 1981. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1981/october/documents/hf_jp-ii_spe_19811003_accademia-scienze_fr.html. GIOVANNI PAOLO II.. *Discorso di Giovanni Paolo II alla Pontificia Accademia delle Scienze*. 3 ottobre 1981. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1981/october/documents/hf_jp-ii_spe_19811003_accademia-scienze_it.html.) A ideia de que a Bíblia não ensina como vai o céu, mas como se vai ao céu foi usada por Galileu na *Carta à Senhora Cristina de Lorena*, de 1615, e ele a atribui ao cardeal Barônio (Cesare Baronio, 1538 – 1607). **2)** Como já apontado anteriormente, João Paulo II referiu-se ao célebre pisano em 9 de maio de 1983, em discurso proferido quando recebeu a visita de cientistas e pesquisadores, quando se relembrou o 350º aniversário da publicação do livro de Galileu que motivou a sua condenação. **3)** Em visita pastoral, em 1989, à cidade natal de Galileu, João Paulo II referiu-se afetuosa e respeitosamente a ele duas vezes, primeiramente em discurso proferido em logradouro público (GIOVANNI PAOLO II. *Discorso di Giovanni Paolo II alla cittadinanza di Pisa sul «Ponte di Mezzo»*. 22 settembre 1989. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1989/september/documents/hf_jp-ii_spe_19890922_cittadinanza-pisa_it.html) e depois na aula magna ministrada na Universidade local (GIOVANNI PAOLO II.. *Incontro di Giovanni Paolo II con i professori e con gli studenti nell'aula magna dell'Università di Pisa*. 24 settembre 1989. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1989/september/documents/hf_jp-ii_spe_19890924_universita-pisa_it.html).

²⁵ A oficialmente denominada *Comissão sobre a controvérsia ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII* instalou-se em 1º de maio de 1981 e reuniu-se pela primeira vez em 9 de outubro do mesmo ano. Compunha-se de quatro subcomissões, a exegética, a cultural, a científica e epistemológica e a histórica e jurídica. As subcomissões produziram numerosa e substancial literatura, mas as reuniões conjuntas deixaram de ocorrer a partir de 1984. Em maio de 1989, o papa João Paulo II solicitou ao cardeal Paul Poupard, prefeito da Pontifício Conselho da Cultura que se inteirasse do andamento da comissão. O cardeal Poupard entrou em contato com o chanceler da Pontifícia Academia de Ciências, monsenhor Renato Dardozzi, que reportou o andamento dos estudos, teceu comentários críticos sobre os trabalhos e apresentou sugestões. As críticas de Dardozzi destacavam sobretudo o isolamento das subcomissões e sugeriu a nomeação de um novo grupo de estudiosos que em clima autenticamente interdisciplinar analisasse os estudos realizados, emitisse um parecer e apresentasse um protocolo que servisse de guia para conduzir as relações entre teólogos e cientistas. O cardeal Poupard assumiu então oficialmente a coordenação da comissão e em entendimento direto com o papa João Paulo II preparou o encerramento dos trabalhos. Como já dito, a história da comissão pontifícia está minuciosamente narrada por Mariano Artigas e Melchor Sánchez de Toca no livro *Galileo y el Vaticano – Historia de la Comisión Pontificia de Estudio del Caso Galileo (1981 – 1992)*. A leitura de alguns documentos transcritos no livro ajuda a entender a complexidade do assunto; destaquem-se os relatórios

o relatório final de seu estudo, cuja conclusão, lida pelo cardeal Paul Poupard²⁶, a quem coube coordenar o fechamento dos trabalhos, foi a seguinte:

“A título de conclusão: a releitura dos documentos do arquivo demonstra-o mais uma vez: todos os autores de um processo, sem exceção, têm o direito ao benefício da boa fé, na ausência de documentos extraprocessuais que digam o contrário. As qualificações filosóficas e teológicas abusivamente atribuídas às novas teorias para a época sobre a centralidade do Sol e a mobilidade da Terra foram consequência de uma situação de transição no âmbito dos conhecimentos astronômicos e de uma confusão exegética com relação à cosmologia. Herdeiros da concepção unitária do mundo, que se impôs universalmente desde a aurora do século XVII, alguns teólogos, contemporâneos de Galileu, não souberam interpretar o significado profundo, não literal, das Escrituras, quando essas descrevem a estrutura física do mundo criado, fato que os levou a transpor indevidamente uma questão de observação fatural para o campo da fé. *É nessa conjuntura histórico-cultural, bem distante do nosso tempo, que os juízes de Galileu, incapazes de separar a fé de uma cosmologia milenar, acreditaram erroneamente que a adoção da revolução copernicana, de mais a mais ainda não definitivamente comprovada, pudesse ser a tal ponto de fazer vacilar a tradição católica e que era seu dever proibir que tal revolução fosse ensinada. Esse erro*

e cartas de Dardozzi (ARTIGAS E SÁNCHEZ DE TOCA. *Op.cit.*, p. 134-135; 139-142; 148-149) e as versões preliminares dos textos do discurso papal (p. 173-182) que acabaram não sendo utilizados por João Paulo II, mas foram usados pelo cardeal Poupard. Relatam também ARTIGAS E SÁNCHEZ DE TOCA (*Op.cit.*, p. 159 - 161) que inicialmente não havia sido planejado que o papa fizesse alguma manifestação, pois se considerava que seria suficiente que o pontífice recebesse o relatório e agradecesse o empenho da comissão. Ao que parece, todavia, a comissão não apresentou propriamente uma conclusão e o papa achou que era necessário oferecer à opinião pública mundial algumas posições claras que marcassem um ponto de virada nas discussões do caso Galileu e que abrissem uma nova fase nos diálogos entre a Teologia e a Ciência. Daí então o pronunciamento pontifício que se fez ouvir na mesma Sala Régia onde treze anos antes João Paulo II proferiu o seu célebre primeiro discurso sobre Galileu.

²⁶ O discurso do cardeal Poupard dividiu-se em cinco partes. Na primeira parte resume-se a história da comissão; na segunda discorre-se sobre como a comissão examinou os documentos para resolver as questões que orientaram a investigação; na terceira, o cardeal comenta a atuação de Galileu e critica o apego do cientista a sua teoria das marés e destaca a não apresentação de provas que demonstrassem efetivamente a mobilidade da terra; na quarta parte, o cardeal apresenta as evidências que apontariam a “reforma implícita” da sentença de 1633 que condenou Galileu, que teria ocorrido, segundo afirma, em 1757; na quinta e última parte, a única que é transcrita neste estudo, o cardeal Poupard apresenta a conclusão do estudo. (Encontra-se o texto completo do discurso do cardeal Paul Poupard em ACCATOLI, L. *Quando o papa pede perdão. Todos os mea culpa de João Paulo II*. Tradução: Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 127-132.

subjetivo no julgamento, assim tão claro para nós hoje, leva-os a adotar uma medida disciplinar devida à qual Galileu teve de sofrer muito. Devemos reconhecer esses erros com lealdade, como Vossa Santidade pediu. Esses são os frutos da investigação interdisciplinar que Vossa Santidade solicitou que a Comissão fizesse.”²⁷

Ouvida a leitura do relatório, João Paulo II proferiu um longo discurso²⁸ em que aprofundou a sua análise do pensamento de Galileu. Após saudar os presentes, o papa disse:

“I. 2. Em primeiro lugar, desejo felicitar a Academia Pontifícia de Ciências por haver escolhido para este encontro tratar de um problema de grande importância e de grande atualidade: a emergência da complexidade na matemática, na física, na química e na biologia. O tema da complexidade marca provavelmente, na história das ciências naturais, uma época tão importante quanto aquela que tem associada o nome de Galileu, quando um modelo unívoco de ordem estava para se impor. A complexidade indica precisamente que para dar conta da riqueza do real é necessário recorrer à pluralidade de modelos.”

Neste ponto do início de seu discurso, o papa João Paulo II trata rapidamente de dois assuntos que merecem destaque. Em primeiro lugar, prenuncia o advento de nova época de grande e importante desenvolvimento das ciências naturais, que será da mesma grandeza da que teve Galileu como um de seus artífices. Em seguida, o papa aponta o modo de trabalho adequado para enfrentar as muitas dificuldades que estarão certamente ligadas a essa era de avanços: explorar todos os recursos teóricos que possam dar conta dos fenômenos estudados. O pontífice certamente preocupava-se com a evitação de novos casos semelhantes ao que envolveu Galileu no século XVII.

“Esse fato põe uma questão que interessa a cientistas, filósofos e teólogos: como conciliar a explicação do mundo – desde o nível das entidades e dos fenômenos elementares – com o reconhecimento do dado de que «o todo é sempre maior do que a soma das partes»? No seu

²⁷ Cf. ACCATOLI, L. *Op. cit.*, p. 131 (trecho em itálico no final do relatório do cardeal Poupard está assim no original). O jornalista italiano destina todo o capítulo 6 (“Galileu”, pp. 125-136) da obra para analisar o trabalho da comissão galileana nomeada pelo papa João Paulo II.

²⁸ JEAN-PAUL II. *Discours aux participants à la session plénière de l'Académie pontificale des Sciences*. 31 octobre 1992. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921031_accademia-scienze_fr.html. Giovanni Paolo II. 1992. *Discorso di Giovanni Paolo II ai partecipanti alla sessione plenaria della Pontificia Accademia delle Scienze*. 31 ottobre 1992. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921031_accademia-scienze_it.html.

empenho de descrever rigorosamente e de formalizar os dados da experiência, o cientista é forçado a recorrer a conceitos metafísicos, cujo uso se requer pela lógica de seu método. Convém precisar com exatidão a natureza de tais conceitos, para evitar que se proceda a extrapolações indevidas, que conduzam descobertas estritamente científicas a uma visão de mundo ou a afirmações ideológicas ou filosóficas que não se podem de fato servir de corolário”.

Relembra neste ponto o papa João Paulo II da indissociável relação que devem manter os cientistas, filósofos e teólogos. O desenvolvimento da ciência requer a atuação afinada de todos eles. Note-se que o pontífice dirige aos cientistas o conselho de que se contenham nos limites de suas tarefas técnicas e não se aventurem descuidadamente por caminhos plenos de interesses ideológicos.

“3. Pensemos, a título de exemplo, na elaboração de teorias científicas novas para explicar o surgimento dos seres vivos. Ao rigor do método, isso não pode ocorrer imediatamente e de forma homogênea na ciência. Particularmente quando esse ser vivo de que se trata é o homem e seu cérebro, não se pode dizer que essas teorias constituem em si mesmas afirmação ou negação da alma espiritual, ou ainda que elas fornecem provas da doutrina da criação, ou, ao contrário, que mostram que essa doutrina é inútil. É necessário trabalho ulterior de interpretação: esse é precisamente o objeto da filosofia, que é o da investigação do sentido global dos dados da experiência, e bem como o da investigação dos fenômenos recolhidos e analisados pelas ciências.”

Não deixa João Paulo II de ilustrar com exemplos suas teorizações. Se a biologia tem muito que dizer sobre o homem, não se pode descuidadamente usar o conhecimento científico para determinar o valor de doutrinas religiosas. É tarefa da filosofia, segundo o papa, contribuir para a justa avaliação do conhecimento científico.

“A cultura contemporânea exige um esforço constante de síntese de conhecimentos e de integração de saberes. É certo que os sucessos que vemos se deve à especialização da pesquisa. No entanto, se ela não for balanceada por uma reflexão atenta que articule os vários ramos do conhecimento, é grande o risco de se produzir uma ‘cultura fragmentada’, que é de fato a negação da cultura. Uma cultura verdadeira não é concebível sem humanismo e sabedoria”.

Sem desmerecer a especialização, indispensável ao progresso das ciências, o papa João Paulo II aponta a necessidade de contrabalançá-la com cultura humanística, sem o que não se construirá cultura autêntica. Com essas considerações, o papa construiu a base de sua nova apreciação de Galileu, que começa em seguida.

“II. 4. Animei-me de preocupações como essas, em 10 de novembro de 1979, quando do primeiro centenário de nascimento de Albert Einstein, ocasião em que expressei a esperança, diante desta mesma Academia, de que «teólogos, sábios e historiadores, animados por espírito de sincera colaboração, aprofundem o exame do caso de Galileu e, num reconhecimento leal dos erros de qualquer lado que tenham vindo, façam desaparecer as desconfianças que este assunto opõe ainda, em muitos espíritos, a uma concórdia frutuosa entre ciência e fé». Constituiu-se uma Comissão de Estudo para esse fim em 3 de julho de 1981²⁹. No ano mesmo em que se celebra o 350º aniversário de falecimento de Galileu³⁰, a Comissão apresenta hoje a conclusão de seus trabalhos, num conjunto de publicações que eu apreciei vivamente³¹. Quero expressar a minha cordial gratidão ao Cardeal Poupard, que se encarregou de coordenar a Comissão na fase final de pesquisa. A todos os especialistas que participaram de alguma maneira nos trabalhos dos quatro grupos que realizaram esse trabalho multidisciplinar, expresso a minha profunda satisfação e viva gratidão. O trabalho conduzido por mais de dez anos

²⁹ Nessa data o Secretário de Estado do Vaticano, cardeal Agostino Casaroli, enviou uma carta aos coordenadores das subcomissões informando-os da instalação dos grupos de trabalho. Provavelmente por isso o papa indica no discurso 3 de julho 1981, e não 1º de maio de 1981 como a data da constituição da comissão de estudo. Em ARTIGAS E SÁNCHEZ DE TOCA encontra-se a transcrição de uma dessas cartas. Cf. ARTIGAS, M; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, pp. 72-74.

³⁰ Quando assumiu a coordenação da comissão galileana, o cardeal Paul Poupard inteirou-se da situação e resolveu preparar o encerramento dos trabalhos. Em carta enviada à Secretaria de Estado do Vaticano, em 13 de julho de 1990, o cardeal Poupard afirma considerar adequado um encerramento formal, com um breve discurso de agradecimento do papa, durante reunião plenária da Academia Pontifícia das Ciências e sugere que isso ocorresse em outubro de 1991 quando haveria um simpósio sobre “Ciência, fé e o futuro da ciência”. Pouco mais tarde, todavia, decidiu-se que o papa faria um discurso longo, o que acabou acontecendo em 1992, o que coincidiu com o 350º aniversário de falecimento de Galileu. ARTIGAS E SÁNCHEZ DE TOCA relatam minuciosamente as articulações finais para o encerramento dos trabalhos da comissão. Cf. ARTIGAS, M; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, pp. 147-167.

³¹ Fica claro nesse trecho que a comissão trabalhou sem unidade, de maneira que os seus resultados, que são muito significativos, se apresentaram na forma de estudos isolados. Mais abaixo o papa fala em trabalho multidisciplinar e não em trabalho interdisciplinar.

seguiu a orientação sugerida pelo Concílio Vaticano II³² e permitiu melhor lançar luzes sobre vários pontos dessa questão. No futuro, será impossível desconsiderar as conclusões dessa Comissão.”

Rememora o papa João Paulo II seu primeiro discurso sobre Galileu em que declarou seu desejo de promover o reexame do caso Galileu de modo a compreender as raízes do conflito de forma a prevenir a repetição desses erros. O pontífice reafirma que o Concílio Vaticano II já havia dado conta de apontar a solução dos principais problemas, mas ainda havia o que fazer e agora, essa era a esperança de João Paulo II, a comissão por ele nomeada trazia elementos que mudariam definitivamente a forma de discutir o assunto.

“Pode causar surpresa que no final da semana de estudos desta Academia, cujo tema era a emergência da complexidade em várias ciências, eu retome o caso Galileu. Não é esse um caso arquivado pelo tempo e cujos erros cometidos já se reconheceram? Isso é certamente verdadeiro. Contudo, problemas subjacentes ao caso dizem respeito à natureza da ciência e à mensagem da fé. Não se pode excluir de encontrar hoje em dia situações análogas que demandarão de nós consciência de ambos os campos e de seus limites e respectivas competências. Os problemas do tema da complexidade podem muito bem ilustrar isso.”

Não deixa dúvidas o papa João Paulo II que sua intenção de reexaminar o caso Galileu tem também aspecto prático e preventivo. A possibilidade de repetir-se, e de modo ainda mais grave, conflito de mesma natureza do ocorrido em meados do século XVII certamente motivaram o pontífice a empreender a revisão histórica da polêmica galileana.

“5. Uma dupla questão está no cerne do debate em que Galileu foi o centro. A primeira é de ordem epistemológica e diz respeito à hermenêutica bíblica. Nesse aspecto, dois pontos mostram-se relevantes. Em primeiro lugar, como muito de seus adversários, Galileu não distinguiu entre o enfoque científico dos fenômenos naturais e as reflexões filosóficas sobre a natureza, que aquele geralmente pede. Isso aconteceu porque ele rejeitou a sugestão que lhe fizeram de que apresentasse o sistema copernicano como hipótese³³, sobretudo porque este não havia sido confirmado por provas irrefutáveis. Isso era uma

³² O papa preferiu atribuir o eixo orientador dos estudos ao Concílio Vaticano II. Todavia, a Comissão efetivamente ter-se-ia guiado pelo discurso papal de 17 de novembro de 1978.

³³ É a solução proposta a Galileu, quando da crise de 1616, pelo Cardeal Roberto Belarmino; essa solução vai ser discutida mais adiante, em outro ponto deste estudo.

exigência do método experimental do qual ele próprio fora um genial iniciador.”

Neste ponto do discurso, o papa João Paulo II envereda por terreno delicado e importante. Aponta o pontífice o que seria um erro capital³⁴ cometido por Galileu, que muito contribuiu para que a polêmica ptolomaico-copernicana assumisse as proporções conhecidas. Ainda, como salienta o pontífice, que também seus adversários tenham incorrido de certa forma no mesmo erro epistemológico, da parte de Galileu isso foi mais grave, visto que ele, mais do que qualquer um, deveria conhecer os limites do método de pesquisa que utilizava.

“Em segundo lugar, a representação geocêntrica do mundo era comumente aceita na cultura daquele tempo como plenamente concorde com a Bíblia, na qual se encontram expressões que tomadas literalmente parecem afirmar o geocentrismo. O problema que se apresentava aos teólogos daquela época era o da compatibilidade do heliocentrismo com a Escritura. Assim, a nova ciência com seus métodos e a liberdade de pesquisa que eles impunham obrigava os teólogos a examinar seus próprios critérios de interpretação da Escritura e muitos não sabiam como fazê-lo.”

³⁴ O papa João Paulo II parece ter aderido a uma tese que remonta às ideias do filósofo francês Pierre Duhem (1861–1916), conhecida como *teoria do erro mútuo*. Essa teoria diz que no caso Galileu cada uma das partes do conflito errou na posição assumida na sua própria especialidade e acertou na referente à especialidade do adversário. Assim, Galileu, cientista, errou em ciência (não tinha provas do copernicanismo e insistia equivocadamente em que as tinha na sua teoria das marés) e acertou em teologia (argumentando que não havia oposição entre o copernicanismo e as passagens da Escritura), enquanto os teólogos, com exceção do cardeal Roberto Belarmino, erraram em teologia (afirmando a oposição entre o copernicanismo e a bíblia) e acertaram em ciência (defendendo o cunho meramente hipotético das teorias de Galileu e apontando a ausência de provas). A teoria do erro mútuo é controversa e tinha na comissão galileana um adepto, o historiador monsenhor Walter Brandmüller. Mariano Artigas discorre sobre o assunto no artigo *Galileo después de la Comisión Pontificia* (<http://www.cryf.org/galileocomision.html#indice>). Fantoli opõem-se à tese do erro mútuo, que nem mesmo é mencionada. Crítico severo dos discursos do cardeal Paul Poupard e do papa João Paulo II, Fantoli sustenta, em contraposição à tese defendida pelo papa, que Galileu não desconhecia, nem desconsiderava, o método de pesquisa que usou, do qual ele é um dos fundadores, mas que ele teria apenas superestimado uma “prova”, as marés, o que não caracterizaria infidelidade ao método experimental mas tão-somente um erro de avaliação, erro muito comum, afirma o estudioso, que cometem até mesmo os cientistas modernos. Trata-se, como se percebe, de assunto complexo, que pode ser analisado por diversas óticas. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, pp. 412-413, nota 48.

Para os teólogos contemporâneos de Galileu, apresentava a ciência nascente problema de grande monta, destaca o papa João Paulo II, que os forçava a revisar seus métodos exegéticos e a considerar a conveniência de abandonar ideias de há muito estabelecidas.

“Paradoxalmente, Galileu, crente sincero, mostrou-se mais perspicaz nesse assunto do que os teólogos que se lhe opuseram. ‘Se a Escritura não pode errar - escreveu ele a Benedetto Castelli³⁵ - certamente seus intérpretes podem e o fazem de várias maneiras’ conhecemos também sua carta a Cristina de Lorena³⁶, que é um pequeno tratado de hermenêutica bíblica.”

Não deixa o papa João Paulo II de acentuar que não pode haver dúvida de que Galileu aceitava sinceramente a doutrina cristã. Isso contou, certamente, acentua o pontífice, para que ele fosse capaz de ver ainda com mais perspicácia do que os especialistas em interpretação da bíblia como resolver a aparente contradição entre a nova cosmologia nascente e as narrativas escriturais. Não pode passar despercebido que neste ponto do discurso o papa João Paulo II confere a Galileu o estatuto de teólogo e dá a uma obra sua a qualificação de “tratado de hermenêutica bíblica”.

“6. Disso se pode tirar a primeira conclusão. O aparecimento de um modo novo de empreender o estudo dos fenômenos naturais impõe esclarecimentos por parte de todas as disciplinas que tratam do conhecimento. Elas se obrigam a melhor delimitar seu próprio campo, seus enfoques, seus métodos bem como avaliar a exatidão de suas conclusões. Em outros termos, esse aparecimento obriga as disciplinas a

³⁵ Trata-se do já mencionado Benedetto Castelli (1578 – 1643), monge beneditino, discípulo de Galileu e professor de matemática. Galileu dirigiu-lhe uma carta datada de 21 de dezembro de 1613 em que trata pela primeira vez do problema escriturístico. João Paulo II já havia mencionado esta carta galileana no número 7 do discurso de 10 de novembro de 1979. O texto original completo da carta a Benedetto Castelli está no volume V da *Edizione Nazionale delle Opere di Galileo Galilei*, p. 263 - 288. O fragmento transcrito no discurso papal está na página 282: “*se bene la Scrittura non può errare, potrebbe nondimeno talvolta errare alcuno de` suoi interpreti ed espositori, in varii modi*”.

³⁶ Trata-se de Cristina de Lorena (1565-1636), grã-duquesa da Toscana, que participou da primeira discussão do problema escriturístico em dezembro de 1613. Nessa carta, desenvolvem-se as teses constantes na carta dirigida a Benedetto Castelli; foi escrita em 1615, mas somente se tornou pública em 1636. A carta à Cristina de Lorena, que papa João Paulo II eleva à condição de “pequeno tratado de hermenêutica bíblica”, já havia sido mencionada no número 8 do discurso de 10 de novembro de 1979. O texto original completo da carta à senhora Cristina de Lorena está no volume V da *Edizione Nazionale delle Opere di Galileo Galilei*, p. 307 – 348.

empreender tomada de consciência mais rigorosa de sua própria natureza. A atualização causada pelo sistema copernicano demandou das ciências bíblicas reflexões epistemológicas, esforço que produziu posteriormente frutos abundantes nos trabalhos modernos de exegética, que encontram consagração e novo impulso na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II.”

Mais uma vez o papa João Paulo II aproxima o passado do presente. Lembra o pontífice que a assim chamada revolução copernicana afetou também a filosofia e a teologia, além das ciências naturais, e promoveu o aprimoramento dessas áreas. Não é diferente a situação presente em que intenso é o progresso das ciências naturais; daí recordar o papa que os padres conciliares do século XX, cientes disso, dedicarem um longo documento que estabelece diretrizes para o tratamento do assunto.

“7. A crise que evoquei não foi o único fator que repercutiu sobre a interpretação da Bíblia. Toca-nos aqui um segundo aspecto do problema, o aspecto pastoral. Em virtude da missão que lhe é própria, a Igreja tem o dever de estar atenta às consequências pastorais de seus ensinamentos. Antes de tudo, deve ficar claro que a palavra deve corresponder à palavra. Trata-se contudo de saber como avaliar um novo dado científico quando este contradiz uma verdade de fé. A avaliação pastoral que a teoria copernicana requeria foi difícil de fazer, visto que o geocentrismo parecia fazer parte dos próprios ensinamentos da Escritura. Fazia-se necessário a todos superar os hábitos de pensamento e divisar um modo de ensino capaz de esclarecer o povo de Deus. Diga-se que, de um modo geral, o pastor deve mostrar-se apto a uma audácia genuína, que lhe evite a dupla armadilha, da atitude vacilante ou do juízo apressado, que é causa de mal considerável.”

Agora enfocou o papa João Paulo II assunto de magna importância que parece ter escapado a Galileu. Como disse o pontífice, a Igreja deve zelar pela integridade da mensagem que lhe cabe transmitir e em caso de ter de alterar alguma forma de interpretação isso deve ser feito sem açoitamento, mas não de modo vacilante. Galileu parecia apressado em alterar a visão de mundo da época e não reconhecia a cautela pastoral que pleiteava mais tempo para que as novas teorias fossem confirmadas e os novos modos de interpretar a Escritura fossem ponderados.

“8. Pode-se mencionar outra crise similar a essa de que falamos. No último século e no começo do nosso, avanços nas ciências históricas tornaram possível novos entendimentos sobre a Bíblia e sobre o mundo

bíblico. O contexto racionalista no qual se apresentaram esses dados trouxe grande perigo à fé cristã. Alguns, acreditando defender a fé, pensaram ser necessário rejeitar conclusões históricas firmemente estabelecidas. Foi uma decisão precipitada e infeliz. A obra de um pioneiro como o padre Lagrange permitiu fazer o discernimento necessário, com base em critérios seguros. É necessário repetir aqui o que disse acima. É dever do teólogo manter-se regularmente informado dos avanços científicos, de modo a examinar, se isso se fizer necessário, se há ou não razão para tomá-los em consideração nas suas reflexões ou para introduzir alterações em seus ensinamentos.”

Não cansa João Paulo II de dar recomendações aos teólogos para que se habilitem a tratar dos problemas contemporâneos análogos aos dos tempos de Galileu e não repitam os erros de então.

“9. Se a cultura contemporânea é marcada por uma tendência ao cientificismo, o horizonte cultural da época de Galileu era uniforme e carregava a marca de uma formação filosófica particular. O caráter unitário da cultura, que é em si mesmo positivo e desejável em nossos dias, foi uma das razões da condenação de Galileu. A maioria dos teólogos não reconhecia a distinção formal entre a Sagrada Escritura e sua interpretação e isso os fez transpor indevidamente para o campo da doutrina da fé uma questão que de fato pertencia à investigação científica. De fato, como o Cardeal Poupard chamou a atenção, Roberto Bellarmino, que percebeu acertadamente o que estava em jogo no debate, sentiu pessoalmente que em face das possíveis provas científicas de que a terra se movia em torno do sol, ‘dever-se-ia interpretar com grande circunspeção’ todas as passagens da Bíblia que parecessem afirmar que a terra é imóvel e dizer que ‘nós não entendemos, em vez de dizer que isso foi demonstrado falso’. Antes dele, a mesma sabedoria e o mesmo respeito pela Palavra divina guiou Santo Agostinho, quando ele escreveu: ‘Se acontecer de a autoridade da Sagrada Escritura ver-se confrontada com alguma razão clara e manifesta, isso deve significar que quem interpretou a escritura não a entendeu corretamente. Não é o sentido da Escritura que se opôs à verdade, mas o que ele lhe quis dar. O se opõe à Escritura não é o que está na Escritura, mas o que nela foi posto por ele, por crer que era isso o que a Escritura significava’³⁷. Há um século, o papa Leão XIII fez ecoar essa recomendação na encíclica *Providentissimus*

³⁷ Este trecho citado de Agostinho encontra-se na *Epistola 143*, n. 7 [*Epistola septima, ad Marcellinum*; PL 33, 588]. Galileu transcreveu-o também na *Carta à Senhora Cristina de Lorena*.

*Deus*³⁸: ‘Verdade não contradiz verdade e podemos estar certos que algum erro que possa ter sido cometido se insinuou, ou na interpretação das palavras sagradas, ou em algum outro lugar da discussão’”.

Aqui o papa João Paulo II busca enquadrar o caso Galileu no ambiente cultural da época. Aponta o papa que foi o cardeal Belarmino³⁹ quem percebeu adequadamente a solução do problema originado pela nova cosmologia. Tal solução passava por Agostinho, que muito antes havia

³⁸ Data-se esta encíclica de 18 de novembro de 1893 e trata dos estudos bíblicos. O trecho citado pelo papa João Paulo II está no número 52 da carta encíclica de Leão XIII.

³⁹ Já havia o papa João Paulo II se referido ao cardeal Roberto Belarmino, santo e Doutor da Igreja, quando de seu primeiro grande discurso galileano de 10 de novembro de 1979. Agora, a menção a Belarmino vem a propósito do que dissera dele o cardeal Poupard. O papa João Paulo II e o cardeal Poupard divergiram na interpretação das ideias de Belarmino. O ponto em discussão é um trecho da carta de 12 de abril de 1615 do cardeal Belarmino ao carmelita Paolo Antonio Foscarini (1565?-1616), também defensor, como Galileu, de ideias copernicanas e autor de uma obra, então recém-publicada, - *Lettera sopra l'opinione de' Pittagorici, e del Copernico, della mobilità della terra e stabilità del sole* -, que viria a ser condenada pelo Santo Ofício em 1616. O trecho epistolar em questão é o seguinte: “Digo que me parece que Vossa Paternidade e o Senhor Galileu ajam prudentemente, contentando-se em falar “por suposição” e não de modo absoluto, como eu sempre cri que tenha falado Copérnico. Porque dizer que, suposto que a Terra se move e o Sol está parado, salvam-se todas as aparências melhor do que com a afirmação dos excêntricos e epiciclos, está dito, muitíssimo bem e não há perigo algum. Isto basta para o matemático. Mas querer afirmar que realmente o Sol está no centro do mundo e gira apenas sobre si mesmo sem correr do oriente ao ocidente e que a Terra está no 3º céu e gira com suma velocidade em volta do Sol, é coisa muito perigosa não só de irritar todos os filósofos e teólogos escolásticos, mas também de prejudicar a Santa Fé ao tornar falsas as Sagradas Escrituras.” Após fazer várias considerações de natureza exegética, Belarmino diz que “se houvesse verdadeira demonstração de que o Sol esteja no centro do mundo e a Terra no 3º céu, e de que o Sol não circunda a terra, mas a Terra circunda o Sol, então seria preciso proceder com muita atenção na explicação das Escrituras que parecem contrárias a dizer, antes, que não as entendemos, do que dizer que é falso aquilo que se demonstra. Mas não creerei que há tal demonstração até que me seja mostrada. Nem é o mesmo demonstrar que, suposto que o Sol esteja no centro e a terra no céu, salvam-se as aparências, e demonstrar que na verdade o Sol esteja no centro e a Terra no céu. Porque a primeira demonstração creio que possa haver, mas da segunda tenho dúvida muitíssimo grande e, em caso de dúvida, não se deve abandonar a Escritura Sagrada, explicada pelos Santos Padres” (Roberto Belarmino a Paulo Antônio Foscarini. In GALILEI, GALILEU. *Ciência e Fé: Cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. Organização e tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2009, pp. 131-134. Lê-se também o texto da carta em Fantoli, onde há interessante discussão das ideias de Foscarini e das críticas que Belarmino fez a elas. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, pp. 160-168. O cardeal Roberto Belarmino, santo e Doutor da Igreja, foi, como dito, citado pelo papa João Paulo II no número 3 do discurso de 10 de novembro de 1979 e incluído pelo pontífice no rol dos “geniais antecipadores e espíritos mais livres” que “desejavam que se evitassem inúteis tensões e endurecimentos danosos, nas relações entre a fé e a ciência”.

enfrentado problemas semelhantes, como bem sabia Galileu, que o havia citado abundantemente na Carta à Senhora Cristina de Lorena. Nada mudou em relação às recomendações de Agostinho, visto que elas se encontram também nas diretrizes hermenêuticas estabelecidas pela Igreja no século XIX e devem, assim, ser aplicadas também hoje.

“O Cardeal Poupard também nos recordou que a sentença de 1633 não era irreformável e que o debate, que não cessou de se desenvolver, encerrou-se em 1820 com o *imprimatur* dado à obra pelo Cônego Settele⁴⁰. 10. A partir do século das Luzes e até os nossos dias, o caso Galileu tem sido uma espécie de mito, no qual a imagem que se quer fabricar está muito longe da realidade. Nessa perspectiva, o caso Galileu era o símbolo da suposta rejeição da Igreja ao progresso científico, ou do obscurantismo ‘dogmático’, opositor da livre investigação da verdade. Esse mito ainda tem um papel social considerável. Ele ajuda a fixar em um grande número de cientistas de boa vontade a ideia de que há incompatibilidade entre o espírito da ciência e as regras de investigação, de um lado, e a fé cristã, de outro. Estabeleceu-se assim trágica incompreensão recíproca entre ciência e fé. Os esclarecimentos propiciados pelos recentes estudos possibilitar-nos-ão dizer que essa danosa incompreensão agora pertence ao passado”.

⁴⁰ O caso Settele é muito interessante. O cônego Giuseppe Settele, professor de astronomia da Universidade “La Sapienza” não conseguiu obter licença para publicar em 1820 um livro de óptica em que tratava de questões de astronomia, sob a alegação de que ele apresentava a teoria copernicana como tese e não como hipótese, conforme o que já se tinha disposto por ocasião dos conflitos galileanos de 1616 e 1633. Levado o caso ao Santo Ofício, contudo, decretou-se que não mais pesavam sobre a teoria as restrições do passado. Houve ainda quem não concordasse com a decisão e adicionalmente o Santo Ofício promulgou um outro decreto com ameaças disciplinares a quem discordasse da publicação da obra de Settele. Fantoli, que descreve e comenta o assunto (*Op.cit.*, pp. 391-396) lembra que se realizou, com o caso Settele, uma profecia de Galileu que anteviu que o mesmo órgão que proibiu em 1633 a sua defesa do copernicanismo haveria futuramente de combater os que se opusessem à teoria. O cardeal Poupard narrou assim o episódio na quarta parte de seu discurso de 13 de outubro de 1992, em que relata a conclusão dos trabalhos da comissão galileana: “Em 1820, o clérigo Settele, professor na universidade de Roma La Sapienza, apresentava-se para publicar os seus *Elementos de óptica e de astronomia*. Ele esbarrou na recusa do padre Anfossi, mestre do Sagrado Palácio, em conceder-lhe o *imprimatur*. Esse incidente causou a impressão de que a sentença de 1633 tivesse permanecido sem mudança, porque imutável. O autor injustamente censurado recorreu ao papa Pio VII, de quem em 1822 recebeu uma sentença favorável. Fato decisivo: padre Olivieri, então mestre geral dos frades pregadores e comissário do Santo Ofício, redigiu um relatório favorável à concessão do *imprimatur* para as obras que expunham a astronomia copérnica como uma tese, e não mais apenas como hipótese.” *Apud* ACCATTOLI, L. *Op. cit.*, pp. 130-131.

As polêmicas sobre o caso Galileu deveriam ter-se encerrado quando a Igreja retirou as restrições que havia às ideias copernicanas. Todavia, lamenta o papa João Paulo II, a figura de Galileu converteu-se numa arma de combate à Igreja. A mitografia desenvolvida apresenta a Igreja como inimiga da razão e a ciência e a fé como irreconciliáveis. Declara o papa ter esperança de que os trabalhos da comissão pontifícia para o estudo do caso Galileu contribuam para que esse estado de coisas se encerre.

“11. Pode-se tirar do caso Galileu um ensinamento que serve para situações semelhantes hoje e para outras que possa ser apresentar no futuro. No tempo de Galileu, era inconcebível apresentar o mundo como desprovido de uma referência física absoluta. Como o cosmos era então entendido como se fosse, por assim dizer, constituído de um único sistema solar, esse ponto de referência não poderia situar-se senão na terra ou no sol. Hoje, depois de Einstein, dentro da perspectiva da cosmologia contemporânea, nenhum desses dois pontos tem a importância que teve antes. Essa observação, é obvio, não se dirige à validade da posição de Galileu no debate; a intenção é apenas mostrar que além das duas visões parciais e contrastantes, há outra mais abrangente que as inclui e vai além delas. 12. Outro ensinamento que se pode tirar é o de que cada diferente ramo de conhecimento reclama diferentes métodos. Galileu, que praticamente inventou o método experimental, compreendeu, graças a sua intuição de físico genial e apoiado em vários argumentos, por que somente o sol poderia ter a função de centro do mundo, tal como então conhecido, quer dizer, do sistema planetário. O erro dos teólogos da época, quando mantinham a centralidade da terra, era o de pensar que o nosso entendimento da estrutura física do mundo era, de algum modo, imposto pelo sentido literal da Sagrada Escritura. Lembremo-nos das palavras célebres atribuídas a Barônio⁴¹: «*Spiritui Sancto mentem fuisse nos docere quomodo ad coelum eatur, non quomodo coelum gradiatur*» [«O Espírito Santo ensina-nos como se vai ao céu, não como vai o céu»]. De fato, a Escritura não se ocupa dos pormenores do mundo físico, cujo entendimento compete à experiência humana e à razão. Existem dois domínios de conhecimento, um cujas fontes está na Revelação e outro que a razão pode descobrir por suas próprias forças. A este último pertencem notadamente as ciências experimentais e a filosofia. A distinção entre dois domínios do saber não deve ser entendida como oposição. Os dois domínios não são

⁴¹ Foi Galileu quem mencionou essa frase do cardeal Barônio (Cesare Baronio, 1538 – 1607) na *Carta à Senhora Cristina de Lorena*. O papa João Paulo II já havia citado a frase do cardeal Barônio, sem mencionar Galileu, no discurso pronunciado na Pontifícia Academia de Ciências, em 3 de outubro de 1981.

estranhos um ao outro, eles tem pontos de contato. Os métodos próprios de cada um permitem pôr em evidência aspectos diferentes da realidade.”

Há, afirma o papa João Paulo II, lições que tirar das polêmicas que envolveram Galileu. Aprendidas essas lições, assevera o papa João Paulo II, não se repetirão conflitos entre ciência e fé, desnecessários e de más consequências. Esses dois domínios, a ciência e fé, têm autonomia e cada um deve reconhecer as suas competências e as próprias do outro; somente assim os pontos em comum podem ser proveitosamente investigados. Enfatiza ainda o pontífice que as concepções científicas apresentam dinâmica peculiar que faz com que as afirmações feitas numa época possam ser continuamente reavaliadas.

“III. 13. Vossa Academia conduz os trabalhos dentro desse estado de espírito. Sua principal tarefa é promover o desenvolvimento do conhecimento com respeito à absoluta liberdade da ciência, que a Sé Apostólica reconheceu expressamente no estatuto da instituição. O que importa numa teoria científica ou filosófica é o que ela tem de verdadeiro ou, pelo menos, de séria e solidamente fundamentado. A finalidade de vossa Academia é precisamente o de discernir e fazer conhecer, no presente estado das ciências e no campo que lhe é próprio, o que pode ser visto como verdade adquirida ou, que pelo menos goze de algum grau de possibilidade disso, de modo que seja imprudente ou irracional rejeitar. Em assim fazendo, pode-se evitar conflitos desnecessários. A seriedade das informações científicas será assim a melhor contribuição que a Academia pode dar para a exata formulação e solução dos problemas prementes que a Igreja, em virtude de sua missão específica, é obrigada a estar atenta, problemas que não se relacionam tão-somente com a astronomia, física e matemática, mas também com os de disciplinas relativamente novas como a biologia e a biogenética. Muitas descobertas recentes e suas possíveis aplicações afetam hoje o homem mais diretamente do que nunca, em seus pensamentos e ações, a ponto de parecer ameaçar as bases verdadeiras do que é humano”.

Passou assim em revista o papa João Paulo II a missão da Pontifícia Academia de Ciências. Cabe-lhe ponderar o conhecimento científico para que o magistério da Igreja possa manifestar-se sobre os pontos doutrinários que requerem referência a assuntos de competência das ciências naturais.

“14. Há para a humanidade dois modos de desenvolvimento. O primeiro envolve cultura, desenvolvimento científico e tecnológico, isto é, o que

diz respeito à horizontalidade do homem e da criação, e que cresce em ritmo impressionante. Se esse desenvolvimento não quiser permanecer totalmente externo ao homem, é necessário um concomitante aprofundamento de consciência, como também de mudança de atitudes. O segundo modo de desenvolvimento diz respeito ao que há profundamente no ser humano, quando transcendendo ao mundo e transcendendo a si próprio, encontra-se com Aquele que é o Criador de todas as coisas. Somente essa direção vertical pode definitivamente dar pleno sentido à existência humana e à ação, porque posiciona o homem em relação a sua origem e a seu fim. Nesse duplo itinerário, horizontal e vertical, o homem se realiza plenamente como ser espiritual e como *homo sapiens*. Vemos contudo que o desenvolvimento nem sempre é uniforme e linear e que o progresso nem sempre é adequadamente ordenado. Isso revela a desordem que afeta a condição humana. O cientista que tiver consciência desse duplo desenvolvimento e o tiver em conta, contribuirá para o restabelecimento da harmonia. Quem se engajar na pesquisa científica e tecnológica admita como premissa desse progresso que o mundo não é caos, mas «cosmos»: isto é, que existe ordem e leis naturais, que podem ser apreendidas e examinadas e que, por isso, tem alguma afinidade com o espírito. Einstein costumava dizer: «O que há no mundo de eternamente incompreensível é que ele seja compreensível». Essa inteligibilidade provada pelas descobertas maravilhosas da ciência e da tecnologia, conduz-nos, em última análise, ao Pensamento transcendente e original impresso em todas as coisas.”

Conclui o papa João Paulo II o discurso com mensagem especialmente dirigida aos cientistas. Devem eles considerar a existência e a importância do que o pontífice denominou de dimensão vertical (espiritual) sem a qual os frutos da ciência e da tecnologia, próprios da dimensão horizontal (material), não contribuirão adequadamente para o desenvolvimento humano integral.

Grande foi a repercussão do discurso papal ante a plenária da Pontifícia Academia das Ciências. O discurso não somente não passou despercebido como motivou todo tipo de avaliação. Para considerar uma apreciação vinda de estudioso abalizado que tenha feito restrições ao discurso, considerem-se as críticas do historiador Annibale Fantoli, cuja biografia de Galileu tem sido citada neste estudo. Fantoli diz que “embora com inúmeras e importantes reservas⁴², não se pode deixar de reconhecer que os discursos [do cardeal Paul

⁴² Ao dizer isso, Fantoli (*Op.cit.*, p. 412-414) insere a nota de rodapé 48 em que discorre longamente tanto sobre o discurso do papa quanto sobre o discurso do cardeal Poupard, em relação aos quais manifesta ampla discordância. No final da nota, Fantoli remete o

Poupard e do papa João Paulo II] (...) contêm um reconhecimento oficial por parte da Igreja católica dos erros cometidos em 1616 e 1633”⁴³. Contudo, o referido historiador considera que isso é “muito, muito pouco, num discurso que pretendia assinalar o definitivo encerramento - por parte da Igreja - do ‘caso Galileu’ ”⁴⁴. Fantoli afirma que suas observações não devem “soar como uma crítica dirigida pessoalmente a João Paulo II. Suas intenções eram e permanecem, sem dúvida, nobres e profundamente honestas. Que o resultado final da proposta não tenha correspondido ao que ele mesmo esperava não julgo que tenha dependido dele, mas sim daqueles que o informaram sobre os resultados do trabalho da Comissão e colaboraram na redação de seu discurso de ‘clausura’ ”⁴⁵ Mais positiva é, em contrapartida, a avaliação de Mariano Artigas e Melchor Sánchez de Toca, cujo livro de história da comissão pontifícia de estudo do caso Galileu foi também objeto de referências neste estudo. Consideram esses estudiosos que “o ato final [dos trabalhos da Comissão], com os discursos do cardeal Poupard e do papa, apesar de algumas inexatidões contidas neles, foi um gesto eloquente que manifestou ante todo o mundo o espírito sincero e aberto com que a Igreja enfoca em nossa época o caso Galileu, com vistas a conseguir uma colaboração mais desejável entre ciência e religião”⁴⁶. Julgam os dois autores que “a Comissão realizou um bom trabalho” que muito contribuiu para a “abertura dos arquivos do Santo Ofício para os pesquisadores, ponto chave para evitar suspeitas e receios”⁴⁷. Acrescentam ainda que “não parece lógico magnificar as limitações do trabalho da Comissão e do ato de encerramento. Antes de tudo porque elas são simplesmente consequências das circunstâncias e não têm significado maior”⁴⁸.

leitor ao artigo de MICHEL SEGRES (*Light on Galileo Case?, Isis*, 88, p. 484-504, 1997), que é talvez o texto crítico que mais duramente ataca os discursos galileanos de João Paulo II.

⁴³ FANTOLI, A. *Op.cit.*, pp. 412-413.

⁴⁴ FANTOLI, A. *Op.cit.*, p. 414. Fantoli desejava, como se lê no mesmo lugar, um pouco acima do texto citado aqui, a condenação explícita do Santo Ofício, da Congregação do Índice e do papa Paulo V (que era pontífice em 1616) e de Urbano VIII (que era o papa em 1633).

⁴⁵ FANTOLI, A. *Op.cit.*, p. 414. Fica exclusivamente por conta de Fantoli a afirmação de que desagradou o papa o resultado final dos trabalhos da comissão. Quanto ao que ele considera que mais contribuiu para a desinformação do papa estaria principalmente o discurso do cardeal Poupard, que na avaliação dele “não poderia deixar de causar perplexidade aos estudiosos de Galileu”. FANTOLI, A. *Op.cit.*, p. 412, nota 48.

⁴⁶ ARTIGAS, M.; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, pp. 220 - 221.

⁴⁷ ARTIGAS, M.; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, p. 220.

⁴⁸ ARTIGAS, M.; SÁNCHEZ DE TOCA, M. *Op.cit.*, p. 221. Nessa consideração parece residir a diferença substancial entre a avaliação desses autores e a feita por Fantoli, o que os fez apreciar de modo tão dessemelhante o trabalho da Comissão e o discurso do papa. Enquanto Artigas e Sánchez de Toca ocuparam-se da análise do conjunto e de suas consequências, Fantoli preocupou-se com os pormenores técnicos de tudo o que foi dito

AINDA HAVIA PARA O PAPA JOÃO PAULO II O QUE DIZER SOBRE GALILEU.

O papa João Paulo II ainda tratará de Galileu após o célebre discurso no encerramento dos trabalhos da comissão que tratou da polêmica ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII. A mais importante referência será feita na carta encíclica *Fides et Ratio*. Antes da publicação desse texto, no entanto, o papa fez alusão ao filósofo e cientista, ainda que brevemente, duas vezes.

Em missa celebrada com os bispos italianos, em 15 de março de 1994, em certo ponto da homilia, o papa referiu-se aos italianos que contribuíram para a solução de grandes problemas e mencionou Catarina de Siena, Carlos Borromeu e Cristóvão Colombo. Feito isso, disse, no número 8: “Nesse contexto, mencione-se agora uma figura-chave, ao menos de um certo ponto de vista, para a história do conhecimento do universo: Galileu Galilei. Tendo intuído que a importante descoberta feita por Copérnico, na distante Warmia, era correta, Galileu incluiu entre os que movem, por assim dizer, a terra e fixou o sol. O critério metodológico proposto por ele abriu a estrada para a ciência moderna, a estrada da ciência da natureza.”⁴⁹

Em 22 de outubro de 1996, o papa João Paulo II dirigiu mensagem à Pontifícia Academia das Ciências, cujos membros se reuniram para tratar do problema da origem da vida e da evolução. Na dita mensagem, o pontífice, logo após mencionar a encíclica *Humani generis*, escrita por Pio XII, em 1950, referiu-se ao discurso de 31 de outubro de 1992 na Pontifícia Academia de Ciências, quando teve, segundo as suas palavras,

“a ocasião de chamar a atenção, a propósito de Galileu, para a necessidade de uma hermenêutica rigorosa para a correta interpretação da Palavra inspirada. Convém bem delimitar o sentido próprio da Escritura, de modo a descartar interpretações indevidas que a fazem dizer o que não tem a intenção de dizer. Para bem delimitar o campo de seu objeto próprio, o exegeta e o teólogo devem manter-se informados acerca dos resultados a que chegam as ciências da natureza”⁵⁰.

sobre o caso. Os erros e falhas apontados para aqueles pareceram de pouca monta enquanto para este pareceram muito grandes e significativos, quase a ponto de colocar todo o trabalho e as suas conclusões em risco de credibilidade.

⁴⁹ GIOVANNI PAOLO II. *Meditazione con i vescovi italiani presso la tomba dell'Apostolo Pietro. Omelia di Giovanni Paolo II. 15 marzo 1994*. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940315_meditazione-vescovi_it.html.

⁵⁰ JUAN PABLO II. *Mensaje del Santo Padre Juan Pablo II a los miembros de la Academia Pontificia de Ciencias*. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1996/documents/hf_jp-ii_mes_19961022_evoluzione_sp.html.

Assim, o papa João Paulo II liga suas considerações sobre hermenêutica bíblica, feitas quando do encerramento dos trabalhos da comissão pontifícia nomeada para estudar a polêmica cosmológica do século XVII, com a teoria da evolução. Há que considerar que essa importante teoria científica, que data do século XIX, também poderia ter ocasionado desentendimentos análogos aos ocorridos com Galileu, não fosse o correto uso dos métodos de interpretação escriturística preconizados por textos do magistério papal. Ao referir-se a seu antecessor Pio XII, João Paulo II destacou que aquele papa, ao defender a ideia de que não há oposição entre a doutrina cristã e a teoria da evolução, desde que se entenda que o corpo humano pode provir de uma outra forma pré-existente mas que a alma humana provém diretamente de Deus, qualificou a teoria da evolução como “uma hipótese séria”. Diz então João Paulo II que naquela altura, passado quase meio século da publicação da *Humani generis*, que é de 1950, “novos conhecimentos levam ao reconhecimento da teoria da evolução como mais do que uma hipótese.” Destarte, com a elevação do estatuto epistemológico da teoria, fica evidente que o papa quis estimular os teólogos a se empenhar no estudo da evolução e examinar as consequências dela para a doutrina cristã⁵¹.

Cabe mencionar que o papa João Paulo II já havia tratado do assunto evolução num pronunciamento que fizera muito tempo antes, em 1985, a um grupo de estudiosos reunidos para discutir o tema “A fé cristã e a teoria da evolução”⁵². Nesse breve discurso, o papa João Paulo II cita um trecho capital

⁵¹ No número 5 da mensagem, o papa aponta quais seriam os parâmetros que considerar na condução segura tais estudos, que seriam a antropologia constante da constituição conciliar *Gaudium et spes* e o que apontou sobre o assunto Pio XII na carta encíclica *Humani generis*. No início do número mencionado, João Paulo II menciona Tomás de Aquino: “O Magistério da Igreja está interessado diretamente e na questão da evolução, porque ela influi na concepção de homem, acerca da Revelação nos ensina que foi criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 28-29). A constituição conciliar *Gaudium et spes* expôs magnificamente essa doutrina, que é um dos eixos do pensamento cristão. Recorda ela que o homem é “a única criatura na terra a que Deus amou por si mesma” (n. 24). Em outras palavras, o homem não deveria subordinar-se, como simples meio ou mero instrumento, nem à espécie nem à sociedade; tem valor por si mesmo. É uma pessoa. Por sua inteligência e sua vontade, é capaz de entrar em relação de comunhão, de solidariedade e de entrega de si com seus semelhantes. Santo Tomás observa que a semelhança do homem com Deus reside especialmente na sua inteligência especulativa, porque sua relação com o objeto de seu conhecimento se assemelha àquela que Deus tem com sua obra (cf. *Summa Theol.*, I-II, q. 3, a. 5, ad 1)”.

⁵² GIOVANNI PAOLO II. *Discorso di Giovanni Paolo II ai participante al Simposio Internazionale su “Fede Cristiana e Teoria dell’Evoluzione”*. 26 aprile 1985. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1985/april/documents/hf_jp-ii_spe_19850426_studiosi-evoluzione_it.html.

da encíclica *Humani generis*⁵³ e indica como a teologia da criação deve enfrentar os embates ideológicos em que se busca sustentar a incompatibilidade entre a fé cristã e a evolução biológica⁵⁴.

GALILEU NA *FIDES ET RATIO*

Em 14 de setembro de 1998, o papa João Paulo II publicou a carta encíclica *Fides et Ratio*⁵⁵, destinada a discutir as relações entre a Fé e a Razão.

No prólogo encontra-se a célebre imagem que resume o teor dos ensinamentos do papa: “A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.”

A encíclica contém o programa de João Paulo II para combater a separação entre fé e filosofia. Faz o pontífice o diagnóstico das causas que levaram a tal separação, que teve, na avaliação que faz, consequências nefastas para a humanidade⁵⁶. No âmbito das ciências naturais, não deixa de lamentar o papa que se foi gradualmente

“impondo uma mentalidade positivista, que não apenas se afastou de toda a referência à visão cristã do mundo, mas sobretudo deixou cair qualquer alusão à visão metafísica e moral. Por causa disso, certos cientistas, privados de qualquer referimento ético, correm o risco de não manterem, ao centro do seu interesse, a pessoa e a globalidade da sua vida. Mais, alguns deles, cientes das potencialidades contidas no progresso tecnológico, parecem ceder à lógica do mercado e ainda à

⁵³ O trecho selecionado pelo papa João Paulo II na carta encíclica *Humani generis* de Pio XII, escrita em 1950, está no número 36 e é o seguinte: “Por isso o magistério da Igreja não proíbe que nas investigações e disputas entre homens doutos de ambos os campos se trate da doutrina do evolucionismo, que busca a origem do corpo humano em matéria viva preexistente (pois a fé nos obriga a reter que as almas são diretamente criadas por Deus), segundo o estágio atual das ciências humanas e da sagrada teologia, de modo que as razões de uma e outra opinião, isto é, dos que defendem ou impugnam tal doutrina, sejam ponderadas e julgadas com a devida gravidade, moderação e comedimento”.

⁵⁴ João Paulo II reserva à filosofia um importante papel na busca e na defesa da compatibilização entre a fé e a razão: “É evidente que esse problema, grave e urgente, não pode ser resolvido sem a filosofia. É próprio da filosofia submeter a exame crítico a maneira pela qual os resultados e hipóteses foram obtidos, diferenciar na especulação ideológica a referência à teoria e a afirmação solta, o enquadramento das afirmações científicas e seu alcance, em particular o conteúdo verdadeiro das asserções científicas.”

⁵⁵ JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Fides et Ratio* aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre Fé e Razão. 14 de setembro de 1998. http://www.vatican.va/edocs/POR0064/_INDEX.HTM

⁵⁶ Leia-se, a propósito disso, especialmente o item *O drama da separação da fé e da razão* (do número 45 ao 48).

tentação dum poder demiúrgico sobre a natureza e o próprio ser humano.”⁵⁷

Galileu é uma das poucas personalidades mencionadas na carta encíclica. Tal deferência indica a especial atenção que o papa João Paulo II dedicava ao cientista e filósofo pisano. Parece que o pontífice localizava no caso Galileu a raiz do mal cultural que ele tanto se empenhou em combater.

Galileu é mencionado no início do capítulo IV, denominado “A relação entre a fé e a razão”, no primeiro item, “As etapas significativas do encontro entre a fé e a razão”. A referência a Galileu está na nota 29, associada ao número 34:

“34. Esta verdade, que Deus nos revela em Jesus Cristo, não está em contraste com as verdades que se alcançam filosofando. Pelo contrário, as duas ordens de conhecimento [a da verdade revelada e a da filosofia] conduzem à verdade na sua plenitude. A unidade da verdade já é um postulado fundamental da razão humana, expresso no princípio de não-contradição. A Revelação dá a certeza desta unidade, ao mostrar que Deus criador é também o Deus da história da salvação. Deus que fundamenta e garante o caráter inteligível e racional da ordem natural das coisas, sobre o qual os cientistas se apoiam confiadamente⁵⁸, é o mesmo que Se revela como Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta unidade da verdade, natural e revelada, encontra a sua identificação viva e pessoal em Cristo, como recorda o apóstolo Paulo: «A verdade que existe em Jesus» (*Ef* 4, 21; cf. *Col* 1, 15-20). Ele é a *Palavra eterna*, na qual tudo foi criado, e ao mesmo tempo é a *Palavra encarnada* que, com toda a sua pessoa, revela o Pai (cf. *Jo* 1, 14.18). Aquilo que a razão humana procura «sem o conhecer» (cf. *Act* 17, 23), só pode ser encontrado por meio de Cristo: de fato, o que n'Ele se revela é a «verdade plena» (cf. *Jo* 1, 14-16) de todo o ser que, n'Ele e por Ele, foi criado e, por isso mesmo, n'Ele encontra a sua realização (cf. *Col* 1, 17).”

Na nota (29) inserida no parágrafo, lê-se a referência a Galileu:

“[Galileu] (*sic*) declarou explicitamente que as duas verdades, de fé e de ciência, não podem nunca contradizer-se, ‘procedendo igualmente do Verbo divino a Escritura santa e a natureza, a primeira como ditada pelo Espírito Santo, a segunda como executora fidelíssima das ordens de Deus’, segundo ele escreveu na sua carta ao Padre Benedetto Castelli, a

⁵⁷ *Fides et Ratio*, 46.

⁵⁸ Neste ponto do texto insere-se a nota 29 que menciona Galileu.

21 de dezembro de 1613. O Concílio Vaticano II não se exprime diferentemente; retoma mesmo expressões semelhantes, quando ensina: ‘A investigação metódica em todos os campos do saber, quando levada a cabo (...) segundo as normas morais, nunca será realmente oposta à fé, já que as realidades profanas e as da fé têm origem no mesmo Deus’ (*Gaudium et spes*, 36). Galileu manifesta, na sua investigação científica, a presença do Criador que o estimula, que Se antecipa às suas intuições e as ajuda, operando no mais profundo do seu espírito.”⁵⁹

Fides et Ratio é um texto fundamental que trata das relações entre a filosofia, a ciência e a teologia. João Paulo II dá ênfase à ligação das ideias que desenvolve com as apresentadas mais de um século antes por Leão XIII na celebre encíclica *Aeternis patris*.

Para Faitanin, a carta encíclica de João Paulo II marca o início de uma nova etapa no desenvolvimento do neotomismo⁶⁰. Assim, com *Fides et Ratio* consolidar-se-ia o ideário neotomista e estabelecer-se-iam as condições de analisar e criticar o intenso desenvolvimento científico que se verificou sobretudo a partir do século XIX. Tais ideias já teriam sido colocadas em prática pelo próprio pontífice como atestariam facilmente suas já comentadas no presente artigo análises sobre as ideias de Galileu, vinculadas ao estudo feito pela comissão pontifícia para estudo da controvérsia ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII e suas considerações sobre a teoria da evolução.

PERDÃO, MEMÓRIA E RECONCILIAÇÃO.

Galileu não será mais mencionado em nenhuma alocução ou texto de João Paulo II. Em três ocasiões mais, todavia, a figura de Galileu fez-se ainda presente veladamente⁶¹ durante o pontificado de João Paulo II.

⁵⁹ Trata-se, como se verifica, de trecho do parágrafo 7 do discurso proferido por João Paulo II na Pontifícia Academia das Ciências, em 10 de novembro de 1979, que já foi analisado no início deste estudo.

⁶⁰ FAITANIN, P. *Tomás, o Tomismo e os Tomistas*. Aquinate, 10, (2009), p. 10, nota 27. <http://www.aquinate.net/revista/edicao%20atual/Artigos-pdf/Artigos-10-edicao/Artigo%201-Faitanin.pdf>. *Fides et Ratio* daria os fundamentos da quarta fase do tomismo, conforma a sequenciação apresentada por Faitanin, no local indicado. Todo um item da carta encíclica *Fides et Ratio* é dedicada ao pensamento de Tomás: *A novidade perene do pensamento de S. Tomás de Aquino*, que faz parte do capítulo IV, intitulado *A relação entre a fé e a razão*.

⁶¹ Talvez se possa incluir uma situação a mais, que surge pelo contraste implícito entre a figura de Galileu e a de Nicolau Copérnico, o astrônomo polonês que construiu os fundamentos teóricos sobre os quais o filósofo e cientista pisano trabalhou décadas mais tarde. O papa João Paulo II referiu-se algumas vezes a seu compatriota pelo qual pareceria

Em março de 2000, a Comissão Teológica Internacional publicou o documento *Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado*⁶² em que se analisaram acontecimentos em que a Igreja se envolveu. Não há menção a Galileu no texto, mas ao tratar da ciência, faz-se referência a um parágrafo da constituição apostólica *Gaudium et Spes*, em que se cita o nome de Galileu. Lê-se no documento teológico, no item 1.2, que o texto conciliar afirma reconhecer que na relação entre a Igreja e a comunidade científica houve episódios negativos no passado, nos quais os cristãos tiveram responsabilidade e acrescenta que o texto do Vaticano II “deplora certas atitudes de espírito que não faltaram mesmo entre os cristãos”, que puderam fazer pensar numa oposição entre ciência e fé (GS 36)”. O trecho citado da *Gaudium et Spes* é o mesmo ao que o papa João Paulo II já se referira ao tratar de Galileu pela

ter admiração a ponto de apontá-lo como modelo de comportamento em alguma medida. Informa Accattoli que, em 1973, por ocasião da comemoração do quinto centenário do nascimento de Copérnico, o então cardeal Karol Wojtyła, arcebispo de Cracóvia, presidiu uma comissão episcopal constituída para festejar a data e que o futuro papa fez uma preleção na faculdade de teologia que se intitulou *A ciência como bem da nação, da Igreja e da humanidade*, que se embasou na análise da obra científica de Copérnico. Adiciona ainda Accattoli que, em 1993, por ocasião agora do 450º aniversário da morte de Copérnico e da publicação do seu livro *De revolutionibus orbium coelestium*, o então já papa enviou mensagem a um evento científico-cultural em que se recordavam os dois momentos mencionados; nesse texto, o papa buscou colocar em evidência “a diferença de atitude entre o astrônomo polonês [Copérnico] e o italiano [Galileu]” com o destaque de que “o primeiro teve a prudência de apresentar como hipótese a teoria heliocêntrica, que o outro, por sua vez, já quis defender como certa”. Continuando, Accattoli afirma que o papa exaltou ainda, - e agora o jornalista italiano o cita textualmente -, “a prudência e a coragem com que Copérnico conseguiu harmonizar a liberdade da investigação científica com a lealdade com relação à Igreja”. Cf. ACCATOLI, L. *Op. cit.*, p. 54. (Não se localizou, infelizmente, no arquivo eletrônico da Santa Sé, o texto da mensagem citada por Accattoli.) Em 1999, em visita pastoral à Polônia, o papa João Paulo II discursou a um grupo de acadêmicos, na universidade local e falou sobre a divergência entre a razão e a fé, que caracterizou, no número 4, como “um dos maiores dramas do homem”, referindo-se na análise do assunto a sua recém-publicada encíclica *Fides et ratio*. Nesse ponto do discurso, o papa lembrou os ouvintes que todos naquele momento se encontravam em Torun, na universidade que é chamada de “cidade de Copérnico”, e referindo-se ao astrônomo ilustre disse que “a descoberta feita por Copérnico e a sua importância no contexto da história da ciência recorda-nos a contraposição sempre viva, existente entre a razão e a fé. Embora para Copérnico mesmo a descoberta se tenha tornado fonte de uma admiração ainda maior pelo Criador do mundo e pelo poder da razão humana, para muitas pessoas esta constituiu um motivo para contrapor a razão à fé.” (JOÃO PAULO II. *Discurso do Santo Padre aos reitores, decanos e professores*. Torun, 7 de junho de 1999. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/travels/documents/hf_jp-ii_spe_07061999_torun_po.html).

⁶² COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação: a Igreja e as culpas do passado*. 7 de março de 2000. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20000307_memory-reconc-itc_po.html.

primeira vez no discurso que proferiu na reunião plenária da Pontifícia Academia de Ciências, em 10 de novembro de 1979.

No domingo seguinte ao da publicação do documento da Comissão Teológica Internacional sobre os erros do passado, comemorou-se o Dia do Perdão. Na homilia⁶³ da missa celebrada na Praça de São Pedro, o papa João Paulo II agradeceu aos que contribuíram na elaboração daquele texto e disse que “ele é muito útil para uma correta compreensão e atuação do autêntico pedido de perdão, fundado sobre a *responsabilidade objetiva* que une entre si os cristãos, enquanto membros do Corpo místico, e impele os fiéis de hoje a reconhecerem, juntamente com as próprias culpas, as dos cristãos de ontem, à luz de um diligente discernimento histórico e teológico.” Com isso se deve entender que o papa João Paulo II reconheceu a culpa dos cristãos que condenaram Galileu e pediu perdão por isso.

No ano de 2003, celebrou-se o quarto centenário de fundação da Pontifícia Academia de Ciências⁶⁴. Galileu foi membro da Academia, que originalmente se chamou Academia dos Linceus. Como homenagem especial ao papa João Paulo II, a Academia produziu um medalhão comemorativo⁶⁵, cunhado em duas versões, uma em prata, outra em bronze, que exhibe no anverso uma figura masculina que representa Deus que porta uma tocha na qual duas jovens, que representam a fé e a razão, acendem as suas tochas; em volta dessa imagem, lê-se em latim: *Ambas as luzes, a da fé e a da razão, têm origem em Deus*. No verso do medalhão, aparecem as figuras de Galileu e de João Paulo II. O medalhão exhibe, pois, de forma alegórica as ideias de João Paulo II relativas à fé e à razão e o seu esforço em remover as barreiras que impedem a justa e profícua relação entre elas e ilustra o papel relevante atribuído pelo pontífice a Galileu nesse complexo e importante processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Dentre os vários pronunciamentos feitos por João Paulo II relativos a Galileu Galilei sobressaem-se certamente os dois grandes discursos que analisam o pensamento desse influente cientista e filósofo, o de 1979, em que

⁶³ JOÃO PAULO II. *Dia do Perdão do Ano Santo de 2000*. Homilia do Papa João Paulo II. Domingo, 12 de março de 2000. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_pardon_po.html.

⁶⁴ Os anais do evento foram publicados e encontram-se disponíveis na página eletrônica da Pontifícia Academia das Ciências: THE PONTIFICAL ACADEMY OF SCIENCES. *The Four-Hundredth Anniversary of the Pontifical Academy of Sciences 1603-2003*, Session, 9 November 2003, Vatican City, 2004, pp. 170, ill. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_academies/acdscien/documents/newpdf/acta17.pdf

⁶⁵ Vêm-se os medalhões nos acima mencionados anais da comemoração do quarto centenário da Pontifícia Academia das Ciências: THE PONTIFICAL ACADEMY OF SCIENCES. *The Four-Hundredth Anniversary of the Pontifical Academy of Sciences*, p. 142.

pela primeira vez se ouve de um pontífice a menção do nome do cientista, e o de 1992, que complementa e consolida as considerações anteriormente feitas. Contudo, o papa João Paulo II também fez importantes referências a assuntos relacionados a Galileu, sem mencioná-lo, pois tratou em diversas ocasiões das relações entre ciência e fé ao longo de seu pontificado. Assim, pode-se agrupar esses textos de João Paulo II colocando de um lado os escritos que falam genericamente sobre a investigação científica, como o discurso de Colônia de 1980, o de Torun de 1999 e a carta encíclica *Fides et ratio* (1998), e de outro os textos especificamente galileanos, nos quais se incluem os dois famosos discursos de 1979 e 1992.

Não pode passar sem comentários o fato de que na carta encíclica *Fides et Ratio* o papa João Paulo II não faz nenhuma menção a textos ou acontecimentos relacionados com a comissão pontifícia para estudo da controvérsia ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII, nem mesmo aos seus longos discursos de 1979 e de 1992. O papa pareceu querer atribuir todo o seu envolvimento com o caso Galileu como nada mais do que uma decorrência simples do seguimento das orientações oferecidas na constituição *Gaudium et spes*, o que faria seu laborioso desempenho não ser mais do que a colocação em prática do que preconizaram os padres conciliares para solucionar as situações de oposição entre fé e ciência. O papa pareceu querer separar claramente os ensinamentos gerais da Igreja sobre as relações entre a ciência e a fé do que ele disse e fez em relação ao caso Galileu. O papa apontou em seus discursos galileanos que considerava já superado de há muito o caso polêmico que envolveu o cientista e que disso a Igreja havia se conscientizado e havia também aprendido as lições adequadas, conforme se depreende da breve menção a Galileu constante no documento conciliar *Gaudium et spes*. Ao separar suas considerações particulares sobre Galileu dos ensinamentos gerais da Igreja pertinentes as relações entre ciência e fé, o papa pode tratar com liberdade do assunto e desviar as críticas tão-somente para as suas ideias e ações. Com efeito, o papa João Paulo II não pode evitar de fazer críticas à atuação de Galileu, como se lê no discurso de 1992, e ao fazê-lo entrou em terreno conturbado e difícil, o que despertou atenção especial e amealhou comentários fortemente discordantes. Essas críticas dirigem-se a partes dos discursos de João Paulo II e não afetam a doutrina geral da Igreja para a condução das relações entre fé e ciência.

Se para João Paulo II nada mais havia que colocar em relação ao caso Galileu, por que então ele teria feito menção ao cientista e ainda o fez de forma tão enfática e ampla como a que verifica no discurso de 1979? Em primeiro lugar, parece que o papa estava certo de que a opinião pública mundial não se dera conta de que a Igreja havia assimilado o caso Galileu e tinha estratégias seguras de ação para a condução de suas relações com o mundo científico. Ora, se a opinião pública ainda achava que a Igreja se opõe

de alguma forma à ciência, algo havia de ser feito em relação a isso. É o que se lê no número 6 do discurso de 1979. Convinha, portanto, reafirmar as posições da Igreja e isso deveria ser feito de modo a alcançar ampla publicidade. Uma importante razão para isso é o fato evidente de que o progresso tecnológico demanda da Igreja atenção e análise e, não raras vezes, vê-se ela obrigada a contestar as linhas de pensamento que conduzem esse progresso. Os criticados sempre retrucam, é uma estratégia retórica fácil de entender, de modo a desqualificar a Igreja, apontando que ela persiste no erro de criticar indevidamente a ciência, como fizera no caso Galileu, e, em assim fazendo, buscam excluí-la do debate ou evitar que se preste atenção no teor de suas críticas. No final do número 4 do discurso de 1992, o papa fala de situações que se apresentam em nosso tempo e que de algum modo são análogas às que se apresentaram no tempo de Galileu; elas têm, portanto, algum potencial de conflito e não devem ocasionar os erros cometidos no tempo do cientista e filósofo pisano. A ação papal, ao trazer à luz novamente o caso Galileu, envolto agora no teor do pronunciamento de 1979 e no de 1992, busca desabilitar o uso do caso como mero instrumento de ataque à Igreja, ao tempo em que a torna preparada para assumir o papel crítico que lhe compete. Afinal, a Igreja tem a guarda de uma doutrina moral capaz de ser aplicada nos assuntos pertinentes ao uso prático do conhecimento científico e tem de zelar por isso exercendo o papel crítico. O papa João Paulo II parece ter pautado seu programa de ação galileano no fortalecimento da Igreja para os embates de ordem moral que advém do progresso tecnológico⁶⁶.

⁶⁶ Fantoli é um dos que pensa assim; no penúltimo parágrafo do livro diz ele, fazendo referência a algumas expressões usadas por João Paulo II no discurso de 1992: “Na realidade, o reconhecimento dos erros que deram origem ao ‘trágico mal-entendido’ entre o pensamento científico e o teológico católico no tempo de Galileu não significa certamente que a estrada esteja livre para um frutuoso diálogo entre a ciência e a fé contemporâneas. Mesmo sem cairmos no ‘mito’ do Iluminismo, tal confronto continua sempre muito complicado e difícil. Tanto mais quando se pensa na amplitude e na gravidade dos problemas que a ciência e a tecnologia contemporâneas apresentam à reflexão da fé”. Cf. FANTOLI, A. *Op. cit.*, p. 416. Neste ponto do texto, Fantoli insere a nota de rodapé número 51, onde se lê: “Basta pensar, no campo da ciência, no problema do evolucionismo e, no campo da tecnologia, nos problemas relacionados ao desenvolvimento das novas técnicas biogenéticas.” Como se vê, Fantoli coloca no mesmo plano as dificuldades advindas do avanço científico, tanto no campo teórico, quanto no campo aplicado. Não parece estar ocorrendo exatamente isso. Os conflitos originados pelas teorias científicas são praticamente inexistentes, enquanto os oriundos do campo tecnológico são cada vez mais numerosos e intensos. Esses conflitos, que têm a tecnologia como campo, dão-se no âmbito das doutrinas morais. Parece fácil verificar que as biotecnologias contemporâneas desenvolvidas para uso em seres humanos, em inúmeros casos, são aplicadas segundo orientação moral diametralmente oposta aos parâmetros contidos na carta encíclica *Humanae vitae* (Paulo VI; 1968), na instrução *Donum vitae* (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1987) e também na carta encíclica *Evangelium vitae* (JOÃO PAULO II,

Cabem aqui algumas palavras sobre as ideias de um dos grandes filósofos da ciência contemporâneos, o austríaco Paul Feyerabend, que se relacionam com o que está sendo discutido. Quando já se aproximavam da conclusão os trabalhos da comissão pontifícia que estudava o caso Galileu, Feyerabend, notável por suas ideias polêmicas, expressou sua discordância com o que estava acontecendo. Eis o que diz o filósofo no capítulo 13, que trata do julgamento de Galileu, na terceira edição de sua obra magna *Contra o método*, no último parágrafo:

“A avaliação dos peritos da Igreja [no século XVII] estava cientificamente correta e tinha a intenção social certa, a saber, proteger as pessoas das maquinações dos especialistas [isto é, de Galileu]. Desejava proteger as pessoas de serem corrompidas por uma ideologia estreita que podia funcionar em domínios estritos, mas era incapaz de sustentar uma vida harmoniosa. Uma revisão [final do século XX] da avaliação [dos peritos eclesiais seiscentistas] poderia conquistar à Igreja alguns amigos entre os cientistas, mas prejudicaria severamente sua função como preservadora de importantes valores humanos e sobre-humanos”⁶⁷.

Se nada havia de fazer por parte da Igreja, conforme o julgamento do filósofo, e o que se fizesse poderia ainda colocar a perder o que se fez e ainda ameaçar as ações futuras, tudo o que se relacionava com os pronunciamentos do papa João Paulo II estaria errado a começar do discurso de 1979. É interessante considerar, todavia, que uma outra ideia do próprio filósofo permite justificar a atuação de João Paulo II. Essa ideia trata do que no trecho acima transcrito se vincula ao que está denominado de “intenção social certa”, qual seja a de “proteger as pessoas” e de “sustentar uma vida harmoniosa”, que fazem parte dos modos de a Igreja exercer a “sua função como preservadora de importantes valores humanos e sobre-humanos”.

1995) e na instrução *Dignitas personae* (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2008). Nada similar ocorre no campo das teorias científicas, nem mesmo em relação à teoria da evolução, apontada por Fantoli como um potencial foco de entraves para o bom diálogo entre a ciência e a fé contemporâneas. A preocupação específica com a tecnologia parece estar claramente explicitada pelo papa João Paulo II no discurso proferido em Colônia, em 1980, e também no número 46 da encíclica *Fides et ratio*.

⁶⁷ FEYERABEND, P. *Contra o método* [*Against Method*; 3. ed., 1992]. Tradução: Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Unesp, p. 192, 2007. Considerando a data do prefácio, julho de 1992, as considerações de Feyerabend foram feitas antes do encerramento do trabalho da comissão pontifícia sobre a controvérsia ptolomaico-copernicana do século XVI e XVII. O filósofo austríaco considerava equivocado e desnecessário o trabalho da comissão pontifícia e já antevia o teor geral da conclusão que seria expresso nos discursos do cardeal Poupart e no de João Paulo II.

Curiosamente, o filósofo retirou da terceira edição de seu livro uma importante e interessante análise que fez de quais seriam os comportamentos passíveis de adoção por alguém do início do século XVII que viesse a tomar conhecimento da teoria de Copérnico e quisesse fazer algo em relação a ela, depois das descobertas astronômicas galileanas anunciadas em 1610. Feyerabend considerou a existência de três possíveis esquemas de ação, dois deles adotados por Galileu e o outro pelos seus inquisidores⁶⁸.

Galileu primeiramente ter-se-ia motivado pelo potencial revolucionário contido na teoria copernicana, o que o teria feito não medir esforços em fazer usos de todos os recursos possíveis para transformar a ideia heliocêntrica copernicana num instrumento acerado que pudesse destruir o sistema astronômico aristotélico-ptolomaico, ao que se seguiria o dismantelamento do sistema cultural armado em torno dessa teoria científica. Em segundo lugar, Galileu ter-se-ia empenhado em desenvolver argumentos que punham ênfase na superioridade do modelo copernicano em relação ao ptolomaico, o que criava a ideia irresistível de que se estava diante de um salto epistemológico extraordinário em relação ao qual não havia como, nem por que se opor. Tratava-se de dois campos de atuação, portanto, o sócio-cultural e o epistemológico.

O terceiro modo de ação possível considerado por Feyerabend pautava-se no cuidado de impedir qualquer ação que indevidamente perturbasse a paz e a ordem social. Ora, os dois cursos de ação acima descritos, ambos seguidos por Galileu, o que visava à revolução cultural e o que promovia uma radical mudança epistemológica, deveriam, segundo essa terceira estratégia, ser impedidos de ir adiante, visto que desconsideravam o tumulto social que seria causado pela apresentação da teoria copernicana, rica em polêmicas teológicas. Ademais, Galileu agia sem que a teoria por ele defendida estivesse solidamente demonstrada, isto é, sem que se tivesse efetivamente alguma prova que atestasse a sua validade. Considerando isso, o cardeal Belarmino, que adotou essa estratégia que valoriza a dimensão social, argumentou que se poderia sim defender as novas ideias, mas tão-somente por suas qualidades instrumentais, pelo que possibilitava em termos de cálculos astronômicos, e nada além disso, até que as provas necessárias de validade fossem encontradas. Esse comportamento cauteloso visava a considerar antes e acima de tudo a paz social e, assim, subordinava qualquer outro interesse ou valor que se pudesse ligar à teoria copernicana ao princípio de não perturbar injustificadamente a ordem pública. Esse modo de pensamento do cardeal Roberto Belarmino norteou sua atuação em 1616, quando do primeiro

⁶⁸ FEYERABEND, P. *Contra o método* [*Against Method*;1975]. Tradução: Octanny S. da Mata e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, pp. 295-299.

conflito de Galileu com os teólogos por causa da polêmica escriturística, e efetivamente impediu o cientista de levar adiante, naquele momento, a exposição da sua visão da teoria copernicana. Contudo, como se sabe, Galileu apresentou suas ideias no polêmico livro *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo: o ptolomaico e o copernicano*⁶⁹, pelo que foi condenado em 1633 à prisão domiciliar vitalícia.

Ora, parece que Feyerabend não se deu conta de que as lições do cardeal Belarmino, relativas ao trato das questões que envolvem ciência e religião, foram assimiladas pelo papa João Paulo II. Um e outro estabeleceram como baliza de pensamento e de ação as implicações ético-sociais que essas complexas, multifárias e importantes questões envolvem. O papa João Paulo II, portanto, aplicou, *mutatis mutandis*, à estratégia do cardeal Belarmino, quando deu início ao reexame do caso Galileu, em 1979. Foi uma ação eminentemente pastoral e não uma atitude norteada por preocupações estritamente filosóficas ou históricas⁷⁰. Motivado apenas por razões ético-sociais o papa João Paulo II recolocou o assunto em discussão por considerar que a opinião pública mundial ainda não se dera conta de que há muito o caso Galileu estava encerrado, que já estava claro que a Igreja não se opusera ao desenvolvimento da ciência, mas apenas aos interesses pessoais de Galileu, e que a Igreja reconhecia que as ações tomadas por ela, sobretudo em 1633, haviam sido objeto de interpretações indevidas, que erroneamente levavam membros da Igreja a olhar com desconfiança a ciência e cientistas a se afastarem da Igreja ou a olharem-na preconceituosamente. Isso decorreu do fato de que nada do que se fizera havia bastado para impedir que o caso Galileu fosse usado como arma de combate à Igreja.

A busca de uma “vida harmoniosa”, com enfatizou Feyerabend, ao destacar um dos elementos motivadores da ação sócio-cultural dos “peritos da Igreja” do século XVII que os levaram a se antagonizar com Galileu, parece estar apontada em vários pronunciamentos de João Paulo II, como meta importante de ser atingida. Não poucas vezes o pontífice mencionou a separação entre fé e razão como um mal grande e inexplicável e pôs em evidência as consequências nefastas dessa dissociação para a humanidade⁷¹. Se a Igreja se dispuser a cada vez mais a analisar os avanços científicos e sobretudo os novos recursos tecnológicos, mais e mais ocorrerão pontos de

⁶⁹ *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo, tolemaico e copernicano* (1632).

⁷⁰ Lê-se isso, por exemplo, no número 7 do discurso de 31 de outubro de 1992.

⁷¹ O discurso aos reitores, decanos e professores, de 7 de junho de 1999, em Torun, Polônia, é um bom exemplo disso. Também o é, para mencionar apenas mais um exemplo, a imagem das duas asas que movem o pensamento humano usada no próêmio da encíclica *Fides et ratio*.

divergência visto que, como se verifica muito facilmente nos últimos anos, a aplicação de muito conhecimentos científicos se dão em franca oposição à doutrina moral sustentada pela Igreja.

Certamente a atuação do papa João Paulo II com relação a Galileu não porá fim às referências hostis à Igreja no mundo acadêmico contemporâneo, no tocante às posições por ela assumidas quanto à ciência e à tecnologia, o que se fará muitas vezes com a recordação maniqueísta dos acontecimentos de 1633⁷². Críticas que se apoiem na menção do caso Galileu soarão, contudo, falaciosas depois do discurso papal de 1992 ou acusarão simplesmente desinformação. Os pronunciamentos de João Paulo II marcam o ponto de partida das discussões contemporâneas. Isso decorreria não propriamente da novidade de muitos pontos fundamentais da argumentação apresentada, mas principalmente do modo explícito e de ampla divulgação que o papa buscou dar a suas ideias sobre as relações entre ciência e fé.

Como marca especial da contribuição do papa João Paulo II à discussão do caso Galileu e ao equacionamento das relações entre ciência e fé destaca-se a indicação da carta que Galileu escreveu à Grã-duquesa Cristina de Lorena como um modelo de análise hermenêutica bíblica. Tal elevação do cientista e filósofo ao estatuto de teólogo não pode deixar de surpreender. Contudo, como disse o próprio papa, Galileu nada mais fez do que sugerir a aplicação de princípios exegéticos tradicionais, que remontariam aos tempos patrísticos. A leitura da dita carta, bem como da escrita a Benedetto Castelli, que lhe

⁷² Dois exemplos recolhidos ao acaso mostram isso. Num excelente livro escrito em 1997, em que se expõem os fundamentos da psicologia evolucionista - PINKER, S. *Como a mente funciona* [*How the mind Works*, 1997]. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 - lê-se em meio a uma interessante discussão sobre os conflitos que envolvem o pensamento científico que “a estultificação da boa ciência por autoridades nervosas em sociedades fechadas é um tema familiar na história, da Europa meridional católica após Galileu à União Soviética do século XX”. Já num livro escrito para crianças em 1996 - SÍS, P. *O mensageiro das estrelas* [*Starry Messenger*; 1996]. Tradução: Lenice Bueno da Silva. São Paulo: Ática. 6 ed., 2 reimp., 2000 -, impresso em tamanho grande (22cm x 30cm), que contém abundantes ilustrações coloridas, e foi considerado no Brasil pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) como “altamente recomendável para a criança” (p. 2), encontra-se a construção de uma personagem mitológica: vê-se, por exemplo, em página dupla (p. 26-27) uma impressionante figura que mostra Galileu sozinho no centro de uma arena, em cujo derredor se encontram dezenas de membros do “tribunal do papa”; na última página, informa-se por meio de um desenho que reproduz a primeira página de um jornal que “Após 350 anos Vaticano afirma: Galileu acertou”; na contra-capá, lê-se: “Em todas as épocas existem pessoas corajosas que rompem com a tradição para explorar novas ideias e desafiar verdades consagradas. Galileu Galilei era exatamente esse tipo de pessoa. E, em 1610, ao conseguir provas de que a Terra não era o centro fixo do universo, Galileu virou o mundo de cabeça para baixo...”.

antecedeu e serviu de primeiro esboço, deve assim ser feita por todos os teólogos que se interessam pelas relações entre a fé e as ciências. Também, os cientistas e filósofos devem lê-las, para que se desmotivem a recorrer ao infundado método de usar os elementos próprios da ciência para fins de mero combate à Igreja, ou à religião em geral, e para que se contraponham aos que incorrerem nesse equívoco metódico.

João Paulo II foi o primeiro papa a tratar de Galileu e chegou a apontá-lo como modelo. Parece que ao fazê-lo o pontífice pode ter se iniciado uma linha programática relativa à discussão pelos papas das interações entre razão e fé, que passa pelos múltiplos aspectos desse importante assunto, segundo o tratamento que lhe deu o próprio Galileu. Com efeito, Bento XVI, o sucessor imediato de João Paulo II, também se referiu algumas vezes a Galileu, e também o fez de modo mesmo a apontá-lo como modelo, como se verá no próximo estudo desta série.